



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E POLÍTICAS**  
**ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

**A INFLUÊNCIA DA LONA CULTURAL JACOB DO BANDOLIM SOBRE O  
ACESSO À CULTURA NA REGIÃO DE JACAREPAGUÁ**

**BEATRIZ DE ABREU BOGÉA CÂMARA**

Rio de Janeiro

2022

**BEATRIZ DE ABREU BOGÉA CÂMARA**

**A INFLUÊNCIA DA LONA CULTURAL JACOB DO BANDOLIM SOBRE O  
ACESSO À CULTURA NA REGIÃO DE JACAREPAGUÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação,  
apresentado à Escola de Administração da  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
(UNIRIO) no curso de Bacharelado em  
Administração Pública.

Orientador: Prof. Me. Júlio César Silva Macedo

Rio de Janeiro

2022

**BEATRIZ DE ABREU BOGÉA CÂMARA**

**A INFLUÊNCIA DA LONA CULTURAL JACOB DO BANDOLIM SOBRE O  
ACESSO À CULTURA NA REGIÃO DE JACAREPAGUÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação,  
apresentado à Escola de Administração da Universidade  
Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) no curso  
de Bacharelado em Administração Pública.

Aprovado em: 02/08/2022

Banca examinadora:

---

Prof. Me. Júlio César Silva Macedo (Orientador)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

---

Profa. Dra. Ana Luiza Szuchmacher Veríssimo Lopes  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

---

Prof. Dr. Eduardo Espíndola Halpern  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Dimitri e Priscila. Agradeço a eles em primeiro lugar pela vida, e em segundo lugar por tudo que veio em diante: o amor, o apoio, os conselhos, as broncas, as brigas, as risadas e os choros (*disclaimer*: estes itens não estão em nenhum tipo de ranking). Agradeço a eles também por me criarem dentro de um ambiente sempre recheado de diversidade cultural, sem isso eu não teria tanto amor pelas artes e este trabalho não seria possível.

Agradeço ao meu namorado Rodrigo. Muito mais do que apenas meu namorado, meu colega de classe, colega de trabalho, ele é meu melhor amigo e meu parceiro de vida. Sem ele, esse trabalho não seria possível, pois acredito que para apreciar de verdade a arte precisamos primeiro conhecer verdadeiramente a felicidade, a tristeza, a paz de espírito e o amor. Além disso, também não seria possível chegar até aqui sem ele por conta de toda a sua ajuda prática, de todas as horas (muitas) em que ele foi meu parceiro de estudos, dupla de trabalho ou professor.

Agradeço ao meu terapeuta, João Valença, sem ele eu não acredito que eu estaria aqui até hoje.

Agradeço a meus colegas de faculdade, em especial: João Arthur, Cecil Borges, Felipe Fernandes, Pâmela Tavares e Vitória Bastos. Muito obrigada por tornarem a jornada da faculdade uma experiência muito mais leve e divertida.

Agradeço a todos aqueles que aceitaram participar deste trabalho, seja apenas preenchendo o formulário ou de fato realizando a entrevista. Agradeço especialmente à equipe da Lona Cultural de Jacarepaguá por serem tão gentis e solícitos.

Agradeço ao meu orientador, professor Júlio Macedo, pelos feedbacks e por todo o auxílio ao longo do trabalho. Agradeço também aos membros da banca: professor Eduardo Halpern e professora Ana Luiza.

Em um trabalho sobre cultura, não posso deixar de agradecer a alguns sujeitos que nunca saberão que receberam esses agradecimentos, mas que tornaram a minha vida mais feliz. Agradeço à banda inglesa The Beatles, à banda norte-americana My Chemical Romance, ao grupo Sul-Coreano BTS, ao comediante/cantor norte-americano Bo Burnham e ao cantor brasileiro Milton Nascimento, que tem a minha interpretação favorita da música a qual meu nome é uma homenagem.

Por fim, caso você não esteja incluído em nenhum dos grupos acima, eu agradeço a você, que leu estes agradecimentos até aqui. Significa muito para mim, obrigada.

*“A esperança dança  
Na corda bamba de sombrinha  
E em cada passo dessa linha  
Pode se machucar  
Azar!  
A esperança equilibrista  
Sabe que o show de todo artista  
Tem que continuar”.*

(Aldir Blanc, “O Bêbado e a Equilibrista”)

## RESUMO

A cidade do Rio de Janeiro guarda dentro de si grande pluralidade cultural, mas apesar disso, nem toda a sua população tem igual acesso aos bens culturais que o município tem a ofertar. Com base nesta lógica, o presente estudo tem como objetivo investigar a influência da Lona Cultural Jacob do Bandolim sobre o acesso à cultura na Região de Jacarepaguá, localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Para atingir este objetivo, foi necessária a realização de pesquisa bibliográfica relacionada à importância da cultura na sociedade, as políticas públicas culturais brasileiras e o acesso à cultura na região de Jacarepaguá. Posteriormente, realizou-se um estudo de caso, a partir de dados coletados através de pesquisa documental e pesquisa de campo, a fim de entender mais sobre a gestão da Lona Cultural de Jacarepaguá. Na pesquisa documental, foram analisados dados relativos às Lonas Culturais do Rio de Janeiro e as despesas relacionadas a elas. Já na pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os gestores, artistas, frequentadores e alunos de cursos da Lona Cultural, com o intuito de compreender suas visões sobre o acesso à cultura no Rio de Janeiro, a importância da Lona Cultural de Jacarepaguá e da cultura num geral. Através desta pesquisa, foi possível concluir que a Lona Cultural Jacob do Bandolim atualmente se encontra em uma situação precária em termos de estrutura. Apesar disso, os sujeitos destacaram sua relevância como ambiente de socialização, produção e consumo de cultura, indicando que a Lona tem um papel crucial na democratização da cultura em Jacarepaguá, sendo um equipamento de grande importância para a região.

**Palavras-chave:** Lonas, Arenas e Areninhas Culturais; Jacarepaguá; Acesso à cultura; Rio de Janeiro; Administração Pública

## ABSTRACT

Rio de Janeiro holds within itself a great amount of cultural plurality, but despite this, not all its population has equal access to the cultural assets that the city has to offer. With that in mind, this study aims to investigate the influence of Lona Cultural Jacob do Bandolim on the access to culture in the Jacarepaguá region, located in the West Zone of Rio de Janeiro. To achieve this objective, it was necessary to carry out bibliographic research related to the importance of culture in society, Brazilian cultural public policies, and access to culture in the Jacarepaguá region. Subsequently, a case study was carried out, based on data collected through documentary research and field research, in order to understand more about the management of the Lona Cultural de Jacarepaguá. In the documentary research, data related to the Lonas Culturais and the expenses related to them were analyzed. In the field research, semi-structured interviews were carried out with managers, artists, attendees and students of the Lona Cultural, in order to understand their views on access to culture in Rio de Janeiro, the importance of the Lona Cultural de Jacarepaguá and of culture in general. Through this research, it was possible to conclude that the Lona Cultural Jacob do Bandolim is currently in a precarious situation in terms of structure. Despite this, the subjects highlighted its relevance as an environment for socialization, production and consumption of culture, indicating that the Lona has a crucial role in the democratization of culture in Jacarepaguá, being an equipment of great importance for the region.

**Keywords:** Lonas, Arenas and Areninhas Culturais; Jacarepaguá; Access to culture; Rio de Janeiro; Public Administration.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Equipamentos culturais municipais na Zona Oeste do Rio de Janeiro.....	14
<b>Tabela 2</b> - Distribuição de espaços culturais por Área de Planejamento do Rio de Janeiro....	23
<b>Tabela 3</b> - Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas da Zona Oeste.....	24
<b>Tabela 4</b> - Distribuição das Lonas Culturais do município do Rio de Janeiro .....	27
<b>Tabela 5</b> - Informações dos sujeitos da pesquisa.....	30
<b>Tabela 6</b> - Comparação entre os valores do Edital de Chamamento e os do Plano de Trabalho da OSC.....	37
<b>Tabela 7</b> - Despesas pagas às Lonas Culturais do Rio de Janeiro de 2012 a 2021.....	41
<b>Tabela 8</b> - Despesas pagas às Lonas Culturais do Rio de Janeiro de 2012 a 2021, reajustadas de acordo com a inflação .....	41

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
1.1 Objetivos.....	11
1.2 Delimitações do Estudo .....	12
1.3 Relevância da Pesquisa .....	13
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>15</b>
2.1 A importância da cultura para a sociedade .....	15
2.2 Políticas públicas culturais .....	18
2.3 O acesso à cultura na região de Jacarepaguá .....	22
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>28</b>
3.1 Metodologia.....	28
3.2 Seleção de sujeitos.....	29
3.3 Coleta de dados .....	30
3.4 Análise de dados .....	31
3.5 Limitações .....	32
<b>4 ANÁLISE DE RESULTADOS</b> .....	<b>34</b>
<b>4.1 A Lona Cultural Jacob do Bandolim</b> .....	<b>34</b>
4.1.1 Gestão da Lona Cultural .....	35
4.1.2 A Lona Cultural de Jacarepaguá no Contexto Atual .....	40
<b>4.2 A Lona Cultural e o Acesso à Cultura em Jacarepaguá</b> .....	<b>43</b>
4.2.1 Diferenças.....	44
4.2.2 Motivação .....	46
4.2.3 Visões sobre o acesso à cultura no Rio de Janeiro .....	48
4.2.4 O Papel governamental no acesso à cultura .....	51
<b>4.3 A influência da Lona Cultural de Jacarepaguá</b> .....	<b>53</b>
4.3.1 Influência da Lona sobre os frequentadores .....	54
4.3.2 Influência da Lona sobre os artistas .....	55
4.3.3 Importância da Lona Cultural.....	57
4.3.4 Importância da Cultura .....	59
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>66</b>
<b>APÊNDICE A - Roteiro Equipe</b> .....	<b>73</b>
<b>APÊNDICE B - Roteiro Alunos</b> .....	<b>74</b>
<b>APÊNDICE C - Roteiro Artistas</b> .....	<b>75</b>
<b>APÊNDICE D - Roteiro Visitantes</b> .....	<b>76</b>
<b>APÊNDICE E – Roteiro Geral</b> .....	<b>77</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro é um dos principais polos culturais do Brasil, sendo reconhecida mundialmente pela sua música – “Garota de Ipanema”, de Vinícius de Moraes, é a segunda música mais regravaada do mundo, atrás apenas de “Yesterday”, de Paul McCartney – , por seu Carnaval, pelas suas belezas naturais, por ser a casa de um dos maiores estádios de futebol do mundo, o Maracanã, que também já recebeu diversas atrações culturais. Além disso, o Rio de Janeiro foi a cidade escolhida para sediar as Olimpíadas de 2016, que ocorreram no Parque Olímpico, onde também é realizado o Rock In Rio, um dos maiores festivais de música do mundo.

Apesar deste status de polo cultural brasileiro, o Rio de Janeiro não é exceção à crescente desigualdade social que assola o país, inclusive no que diz respeito a permitir que toda a sua população tenha acesso à arte e à cultura que são tão importantes para a identidade da cidade. Melo e Peres (2006), há mais de uma década, já constatavam a redução dos espaços públicos de lazer e sua transformação em espaços privatizados e reservados para uma parcela da população, excluindo outra que tem possibilidades de acesso restritas por conta de valores e distância, por exemplo.

As áreas mais afetadas pela falta do acesso à cultura são a Zona Oeste e Zona Norte do Rio de Janeiro, que concentram em torno de 79% da população do município (SUZANO, 2020). Como apontado em uma das entrevistas do estudo de Gomes (2020), realizado em Campo Grande, bairro da Zona Oeste do Rio:

A gente só tem uma biblioteca e um espaço que tem exposições, mas não é um espaço, tem algumas imagens. Aqui não se tem uma intervenção cultural, tem que ir pro Centro; se quer ir para uma exposição legal, tem que ir pro Centro. Não tem nenhuma atração cultural por aqui. [...] Eles não têm interesse em colocar o transporte daqui pra lugares onde você teria um acesso a atividades culturais, o que o sistema, o governo, quer que a gente tenha aqui, é o que eles oferecem pra gente aqui. Então, para você ir pra lá, pra ter acesso a isso tudo, você tem que passar por esse processo de duas horas até chegar lá. (GOMES, 2020, p. 64)

Baseado nesta realidade da Zona Oeste e Zona Norte da cidade, em 1993 foi iniciado o projeto Lonas Culturais - A cultura como instrumento de transformação social. O projeto se trata de uma iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro - SMC-RJ, que consiste na construção de equipamentos culturais, coordenados com Organizações da Sociedade Civil locais.

Segundo Ferran (2000), as Lonas constituem uma ação de inclusão cultural que busca descentralizar a produção artística da cidade, além de democratizar o acesso aos produtos para a produção e consumo da cultura. O projeto foi premiado pela União Europeia, recebeu

chancela da Unesco e conquistou o Prêmio Mercocidades<sup>1</sup>. Até 2022, existem 7 Lonas Culturais, 3 Areninhas Culturais e 4 Arenas Culturais no Rio de Janeiro, todas localizadas em bairros da Zona Norte e Zona Oeste da cidade.

No contexto atual de cortes realizados pelo Governo Federal – principalmente desde 2018, com a redução do teto de incentivos da Lei Rouanet de R\$ 60 milhões para R\$ 1 milhão<sup>2</sup> –, além de acusações de censura a conteúdos considerados “de esquerda” e LGBTQ+ (MOLINERO, 2019), o setor cultural encontra cada vez mais desafios no Rio de Janeiro.

Além destas dificuldades locais, o mundo inteiro foi afetado pela pandemia de COVID-19 no início de 2020, o que agravou a situação para diversas áreas da cultura. As Lonas Culturais, assim como outros equipamentos culturais, também precisaram pausar suas atividades presenciais por tempo indeterminado, além de lidar com a falta de repasse de verbas, falta de luz e descaso por parte da Secretaria Municipal de Cultura do Rio (CAPOBIANCO, 2020).

Estes impactos da pandemia no setor da cultura ou nas Lonas Culturais não serão necessariamente o foco deste estudo, mas é preciso levar em conta o contexto no qual não só o Brasil, mas o mundo se encontrava durante a realização desta pesquisa, a fim de melhor interpretar as respostas dos entrevistados, os resultados obtidos e as conclusões às quais chegaremos.

Levando em conta todos os aspectos citados anteriormente, o problema de pesquisa que será explorado será: “qual a influência da Lona Cultural Municipal Jacob do Bandolim sobre o acesso à cultura na região de Jacarepaguá no Rio de Janeiro?”.

## 1.1 Objetivos

O objetivo principal deste estudo é entender a influência da Lona Cultural Municipal Jacob do Bandolim no acesso à cultura na região de Jacarepaguá no município do Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> RIBEIRO, Caroline. Lonas Culturais Municipais: Arte da periferia na vanguarda da cultura. Disponível em: [http://www0.rio.rj.gov.br/pcrj/destaques/especial/lonas\\_culturais\\_2.htm](http://www0.rio.rj.gov.br/pcrj/destaques/especial/lonas_culturais_2.htm). Acesso em: 12 set. 2021.

<sup>2</sup> BALBI, Clara; MOLINERO, Bruno. Nova Rouanet deve encarecer e reduzir projetos culturais. Folha de São Paulo. São Paulo, 24 fev. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/governo-publica-novas-regras-da-rouanet-com-limite-de-r-1-milhao-por-projeto.shtml>. Acesso em: 12 set. 2021.

## 1.2 Delimitações do Estudo

Este estudo se concentrará em investigar especificamente a situação da região de Jacarepaguá e da Lona Cultural Municipal Jacob do Bandolim – também chamada coloquialmente de “Lona de Jacarepaguá” ou apenas “Lona”, entre os moradores da área.

A delimitação geográfica se deu por conta da segregação histórica sofrida pela Zona Oeste do Rio de Janeiro, principalmente no setor da cultura, além da existência de poucos estudos acadêmicos relacionados à cultura tendo a região de Jacarepaguá como foco. A escolha da Lona Cultural de Jacarepaguá foi motivada por se tratar de um dos poucos espaços culturais públicos da região.

Além disso, a região de Jacarepaguá concentra grande diversidade socioeconômica – isto se dá, em parte, por ser um apanhado de bairros –, sendo um grande “ponto de interrogação”, um meio termo entre subúrbio e área nobre<sup>3</sup>, o que abre espaço para desigualdades no acesso à cultura dentro da própria região.

As delimitações geográficas e temáticas – a escolha específica da região de Jacarepaguá e da Lona como objeto de estudo – se deram majoritariamente pelas experiências pessoais da pesquisadora como moradora de Jacarepaguá por mais de 15 anos, acompanhando e vivendo as dificuldades no acesso à cultura na região.

Cabe o esclarecimento de que a dimensão de cultura que será utilizada ao longo do estudo é a dimensão sociológica, onde a cultura se trata de “uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão” (BOTELHO, 2001, p.2). Ocorrerá também o uso da palavra “arte” como sinônimo para cultura.

A recusa do termo arte para definir o tema e os objetivos do estudo – e, por sua vez, a escolha do termo “cultura” – se deu pelo fato de a palavra “arte” ser comumente associada à ideia de beleza, talento ou dom. O juízo de valor sobre a qualidade de algo, talento ou beleza não é o que fará daquilo cultura, mas simplesmente a sua produção com objetivo de expressão. O conceito de arte que será usado para aproximá-la da ideia de cultura é proposto por Suzanne Langer de sua obra “Ensaio Filosófico”:

A arte no sentido aqui proposto – ou seja, o termo genérico abrangendo pintura, escultura, arquitetura, música, dança, literatura, drama e cinema – pode ser definida como a prática de criar formas perceptíveis expressivas do sentimento humano. (LANGER, 1971, p. 82 *apud* MAIA, 2021)

---

<sup>3</sup> AMIN, Júlia; ALTINO, Lucas. Coletivos culturais conquistam espaços para eventos em Jacarepaguá. **O Globo**. Rio de Janeiro, ano 2016, 28 nov. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/coletivos-culturais-conquistam-espacos-para-eventos-em-jacarepagua-20542918>. Acesso em: 12 set. 2021.

### 1.3 Relevância da Pesquisa

A relevância desta pesquisa se dá por alguns pontos: a importância da cultura como um vetor de transformação social; os fatores econômicos envolvidos na produção e no consumo da cultura; a baixa oferta de espaços culturais na Zona Oeste, mais especificamente na região de Jacarepaguá e a situação atual de negligência destes poucos aparelhos culturais.

Maia (2021) aponta que, para a autora Suzanne Langer, a arte é essencial para a humanidade, pois é indispensável para a sustentação dos costumes das sociedades, e promove avanço social e cultural. Moretoni e Carneiro (2016) denotam que os incentivos à cultura guardam relação direta com a melhoria da qualidade de vida e a inclusão social. Pedrosa e Dietz (2020) indicam que o ensino da arte contribui para o desenvolvimento da criatividade, leitura, sensibilidade, coordenação motora e inteligência emocional.

Segundo Biaggi (2009), a arte e a cultura transformaram-se em uma mercadoria valiosa e de grande importância, sendo a indústria cultural uma importante ferramenta de dominação ideológica, política e econômica, por conta da quantidade de dinheiro que movimenta. Camargo (2018) evidencia que a valorização do patrimônio artístico e cultural de uma região pode desenvolver o turismo, promovendo então o aumento do consumo de produtos turísticos e movimentando a economia.

Dos 49 espaços culturais administrados pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro atualmente em funcionamento, apenas 10 estão localizados na Zona Oeste do Rio de Janeiro, sendo apenas 2 na região de Jacarepaguá<sup>4</sup>. É possível observar a distribuição destes equipamentos na tabela 1. Nota-se que, dentre esses aparelhos, não há sequer um museu ou teatro municipal.

---

<sup>4</sup> Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/web/smc/>. Acesso em: 12 set. 2021.

**Tabela 1** - Equipamentos culturais municipais na Zona Oeste do Rio de Janeiro

Equipamento cultural	Bairro	Área de Planejamento
Centro Cultural Municipal Professora Dyla Sylvia de Sá	Praça Seca	4
Cidade das Artes	Barra da Tijuca	4
Arena Carioca Abelardo Barbosa - Chacrinha	Pedra de Guaratiba	5
Areninha Carioca Hermeto Pascoal	Bangu	5
Areninha Carioca Gilberto Gil	Realengo	5
Lona Cultural Municipal Jacob do Bandolim	Pechincha	4
Lona Cultural Municipal Elza Osborne	Campo Grande	5
Lona Cultural Municipal Sandra de Sá	Santa Cruz	5
Planetário de Santa Cruz	Santa Cruz	5
Biblioteca Manuel Ignácio da Silva Alvarenga	Campo Grande	5

**Fonte:** Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

Muitos dos aparelhos culturais localizados na Zona Oeste enfrentaram abandono por parte da gestão municipal no durante o governo do ex-prefeito Marcelo Crivella<sup>5</sup>.

É possível indicar que a discussão e estudo da temática da cultura e da região de Jacarepaguá possuem grande relevância no momento atual. Como apontado por Suzano (2020):

A Zona Oeste, com ou sem essa inclusão continuará existindo, assim como suas inúmeras formas de expressões artísticas e culturais, mas em termos de políticas públicas é [preciso] analisar e discutir quais os impactos dessa falta de acesso a lugares legitimados de arte, na vida social da população da zona mais pobre da cidade.

Esclarecidos estes pontos, a relevância das Lonas Culturais do município do Rio de Janeiro como objeto de estudo pode ser observada em trabalhos como a dissertação de Ferran (2000), que tem como objetivo entender qual o papel desses equipamentos na transformação dos bairros que os rodeiam; destaca-se também a dissertação de Silva (2019) que investiga o papel das Organizações Sociais na gestão das Lonas Culturais do Rio de Janeiro.

No presente capítulo, elucidou-se os objetivos, a delimitação e relevância deste estudo. Já no capítulo 2, será apresentada a revisão de literatura relacionada à importância da cultura na sociedade, políticas públicas culturais e sobre o acesso à cultura na região de Jacarepaguá. O capítulo 3 demonstrará a metodologia, os sujeitos, forma de coleta e de análise de dados utilizados para atingir os objetivos desta pesquisa.

<sup>5</sup>TINOCO, Pedro. O desafio de reerguer a cultura carioca no período pós-Crivella . Veja Rio. Rio de Janeiro, ano 2021, 19 mar. 2021. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/heranca-cultura-carioca-desafio-faustini/>. Acesso em: 12 set. 2021.

O quarto capítulo será dedicado à apresentação dos resultados obtidos, iniciando com uma exploração inicial da gestão da Lona Cultural Jacob do Bandolim e percorrendo diversos aspectos das visões dos sujeitos sobre o acesso à cultura e sua importância na sociedade. Por fim, o capítulo final concentra-se em abordar de maneira breve os resultados obtidos e as conclusões que podem ser tiradas a partir deles.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 A importância da cultura para a sociedade**

Existem diversas compreensões do que é cultura. A interpretação utilizada para este estudo será a visão de que cultura é “uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão” (BOTELHO, 2001, p.2). Esta concepção encara a cultura como obras e práticas da arte, se tratando de uma atividade econômica, gerando empregos, renda e afins (CANEDO, 2009). Pertile (2014) aponta que com a criação da Secretaria da Economia Criativa em 2012, a cultura deixa de ser apenas passível de valorização simbólica, passando a integrar sistemas econômicos, gerando empregos, novos empreendimentos e produção diversificada.

Apesar da sua relevância econômica, a importância da cultura não se dá apenas por seu potencial de empreendedorismo e geração de empregos. A importância da arte – e, por consequência, da cultura – na sociedade permeia diversos campos que não apenas o econômico.

A importância do ensino da arte, por exemplo, é explorada por Biesdorf e Wandscheer (2011), que frisam o potencial daquela no desenvolvimento da criatividade, do pensamento crítico, da capacidade reflexiva, tendo, desta forma, um papel crucial na construção da cidadania. Além disto, a arte também pode ser utilizada para compreender o modo de vida, o sistema de valores, as tradições e as crenças de um povo (AZEVEDO, apud RIBEIRO, 2013), tendo, assim, uma grande importância na propagação e perpetuação da história dos povos.

Esta relevância pode ser constatada pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, onde se lê:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

[...]

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Com o aumento crescente de problemas psicológicos na população brasileira, – 53% dos brasileiros declararam que seu bem-estar mental piorou um pouco ou muito em 2020<sup>6</sup> – não parece absurdo considerar que esta situação se trata de uma questão de saúde pública. Levando em conta este contexto, cabe demonstrar o impacto da cultura nos setores da psicologia e da medicina.

Reis (2014 p. 147) aponta que a arteterapia é “o uso da arte como meio à expressão da subjetividade”. Desta forma, propicia uma expressão que não é racionalizada pelo indivíduo, sendo então uma ótima forma de o psicólogo acessar e abordar conteúdos emocionais de diversos temas como gênero, sexualidade, traumas, relações interpessoais e afins. Coqueiro, Vieira e Freitas (2010, p. 862), no relato de experiência sobre o grupo Amigos da Arte, indicam que a arteterapia: “Configura-se como um eficaz meio para canalizar, de maneira positiva, as variáveis do adoecimento mental em si, assim como os conflitos pessoais e com familiares”. Além disso, perceberam que houve uma redução de fatores negativos naturais das doenças, como agressividade, medo, estresse e angústia.

Rocha e Maia (2015), por meio do Projeto Cuidando com Arte, implementaram oficinas de artes plásticas e artesanato 2 vezes na semana nas Enfermarias de Oncologia e Maternidade/Obstetrícia do Hospital das Clínicas (HC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Os resultados apresentados pelo projeto foram: “os participantes relatam que durante as atividades, esquecem seus problemas, dores, angústias, medos, frustrações e saudades. Referem experimentar uma satisfação surpreendente ao descobrir que são capazes de realizar coisas que até então se julgavam incapazes.” (ROCHA, MAIA, 2015, p. 2)

A arte e a cultura também representam instrumentos de libertação e resistência. O Teatro do Oprimido é a metodologia desenvolvida e cunhada pelo teatrólogo Augusto Boal durante o seu exílio do Brasil, após ser preso e torturado durante a ditadura militar, nos anos 70. No ambiente de supressão das liberdades políticas, de censura à imprensa e às artes, Augusto Boal traz o teatro como forma de denunciar estas opressões (SILVA, 2014). Sobre o Teatro do Oprimido, Campos, Panúncio-Pinto e Saeki (2014, p. 553) apontam:

O Teatro do Oprimido (TO) é um método teatral em que a construção do drama é realizada por pessoas que sofrem opressões, conceitualmente consideradas entraves para a realização de desejos e para a experiência de uma vida livre, democrática, humana. [...] No TO, os espectadores passam a ser espect-atores, pois, em vez de afastados da cena e alienados na identificação catártica acrítica, são convidados a

---

<sup>6</sup>COVID: saúde mental piorou para 53% dos brasileiros sob pandemia, aponta pesquisa. **BBC News**, ano 2021, 14 abr. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56726583>. Acesso em: 12 set. 2021.

participar debatendo e apresentando suas saídas para as situações-limite encenadas. [...] O TO apresenta-se como ferramenta importante para a participação popular e a criação coletiva de novas subjetivações desalienadas, mostrando-se uma ferramenta também proveitosa na construção de saberes e de políticas.

Assim como Boal, inúmeros outros artistas – e cidadãos – considerados “subversivos” foram perseguidos, censurados, exilados ou presos durante a ditadura militar no Brasil. A arte, neste momento da história, se estabelece como ferramenta de resistência. Fonseca e Arriada (2019) exploram o impacto da ditadura militar nas artes plásticas, apontando que os artistas passaram a buscar novas formas de produzir, focando na experimentação e liberdade, utilizando a arte conceitual para apresentarem suas visões de mundo por meio de instalações, performances, cartazes e intervenções, não se limitando apenas a pinturas ou esculturas.

Na música, obras como “Apesar de Você”, por Chico Buarque, “Cálice”, de autoria do mesmo junto a Gilberto Gil – ambas censuradas, sendo gravadas e divulgadas apenas em 1978<sup>7</sup> –, “Alegria, Alegria” de Caetano Veloso, são comumente listadas como algumas das canções consideradas hinos de resistência (MAIA, 2015). Muitos outros artistas da época retratavam e denunciavam a repressão e tensão do regime de forma mais sutil em suas canções, na tentativa de “burlar” a censura, mas sem perder o teor crítico. Milton Nascimento, apesar das sutilezas de sua obra, não escapou da censura com seu álbum “Milagre dos Peixes”, onde, das 11 músicas apenas 3 letras não sofreram cortes, sendo 5 gravadas apenas com instrumentais. Dessa forma, o cantor se utilizou da sua voz como instrumento musical, utilizando gritos, sussurros, falsetes e vocalizes como alternativas a expor suas visões com palavras. Além disso, o encarte do disco também traz aspectos considerados como forma de protesto à censura. (COAN, 2020)

Figueiredo (2015, p. 9) divide o teatro durante a ditadura militar em 3 fases: “1) *o teatro de resistência*: limiar do golpe até a instituição do AI-5; 2) *o teatro sob coação*: após o AI-5 até os primeiros ventos liberalizantes no final da década de 70; e, 3) *o teatro da denúncia*: do final dos anos 70 e a redemocratização do Brasil”. Desta forma, percebe-se como ao longo de todo o período da ditadura, procurou-se, não apenas pelo teatro, mas fazendo uso de diversas formas de arte, representar, das formas possíveis, a luta, o sofrimento e a resistência contra o regime.

O papel da cultura como ferramenta de resistência foi crucial durante o período ditatorial, mas isto não quer dizer que esta importância esteja restrita a este momento. Até os dias de hoje a arte continua sendo fundamental para a coletividade, especialmente para grupos marginalizados, que por meio desta podem expor suas dores, alegrias e críticas, além de ampliar

---

<sup>7</sup>CHICO Buarque. Memórias da Ditadura. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/artistas/chico-buarque/>. Acesso em: 12 set. 2021.

e trazer maior atenção para pautas sociais importantes. A cultura tem a capacidade de não só refletir – e causar reflexão sobre – a sociedade na qual é produzida, mas também moldar e impactar esta sociedade. Um exemplo do uso da cultura como uma ferramenta de resistência nos dias de hoje pode ser observado no trabalho de Gomes (2020), que ressalta a importância da cultura como forma de atuação segura de militâncias em espaços de violência rotineira na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

## **2.2 Políticas públicas culturais**

A dimensão sociológica da cultura que utilizamos ao longo deste estudo indica que a cultura se trata de “uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão” (BOTELHO, 2001, p.2). Para a produção plena da cultura nesta concepção, é necessário que os indivíduos possam desenvolver seus talentos e que tenham meios de se expressar. Desta forma, a interferência governamental pode ser uma grande forma de criar o espaço apropriado para a formação de provedores e consumidores de bens culturais. (PORDEUS SILVA, 2010)

A Constituição Federal de 1988 aponta múltiplas vezes a responsabilidade do poder público em garantir o acesso e o incentivo à cultura. O artigo 23, por exemplo, estabelece os meios de acesso à cultura como competência comum da União, Estados, Distrito Federal e Municípios. A seção II do capítulo III estabelece os ordenamentos gerais sobre cultura; lê-se, no artigo 215 o seguinte: “Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.”

Em seu artigo 5º, inciso IX, a CF garante a livre expressão da atividade artística independente de licença ou censura, o que também pode ser considerada uma forma de garantir o acesso à cultura, visto que – ao contrário de como ocorria durante a ditadura militar – nenhum grupo será impedido de produzir conteúdo artístico que contenha críticas ao governo, por exemplo.

Assim, percebe-se que a garantia do acesso à cultura por parte do estado, tanto para consumidores quanto produtores, tem importância não apenas por todos os motivos que tornam a cultura importante para os indivíduos e para a sociedade elencados no subcapítulo anterior, mas também por se tratar de uma garantia da Constituição Federal e também por estar elencada na Declaração Universal dos Direitos Humanos, que aponta: “Todo ser humano tem o direito

de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios”. (RHODEN, TERRA MACIEL, 2015).

Musa, Passador e Paschoalotto (2017), exploram a evolução das políticas públicas culturais no Brasil. Estas políticas tiveram seu início com a chegada da corte portuguesa no século XIX, mas os autores apontam que apenas no Estado Novo de Vargas é que se teve a estruturação de instituições nacionais de cultura e de incentivo à produção cultural.

Já durante a ditadura militar as políticas públicas de cultura foram majoritariamente inibidas – os Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes, por exemplo, foram fechados e o prédio da UNE foi incendiado no primeiro dia do golpe militar<sup>8</sup> – além da presença da censura sobre as produções artísticas. Durante a gradual abertura política subsequente a 1974, são criados o primeiro Plano Nacional de Cultura, o IPHAN, a Secretaria Cultural do MEC, entre outros. Com o final do regime, é criado então o Ministério da Cultura em 1985 (MEDEIROS, 2015), e em 1988 a Constituição Federal estabelece as responsabilidades estatais para com a cultura vistas anteriormente neste capítulo.

Durante os anos 90, o cenário cultural foi fortemente pautado pelas parcerias público-privadas fruto das leis de incentivo fiscal à cultura, cabendo ao Estado apenas ser um facilitador e estimulador das atividades culturais pelo setor privado, necessitando de menos receita para prover o acesso à cultura. Este foco no aspecto mercadológico da cultura promoveu uma distribuição desigual para projetos culturais em diferentes regiões do país, além da transformação dos projetos culturais em mercadorias que precisavam ser atraentes para possíveis financiadores (MIRANDA, ROCHA, EGLER, 2014).

Ao longo do governo Lula, a cultura passa a ocupar um lugar de maior importância para o Estado, sendo grande parte do avanço das políticas públicas graças a implementação do Sistema Nacional de Cultura - SNC. Durante o governo Dilma, seu impeachment e o subsequente governo Temer, o SNC foi introduzido na Constituição Federal, a distribuição de recursos do Fundo Nacional de Cultura para os entes do SNC foi aprovada e projetos como o Vale Cultura – que será explorado mais a frente – foram estabelecidos. (MUSA, PASSADOR, PASCHOALOTTO, 2017)

O Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC), também chamado de Lei Rouanet, promulgado em 1991 pela Lei nº 8.313, tem como objetivo a captação e canalização de recursos para o financiamento de projetos do setor cultural. Para isto, a Lei estabeleceu 3 mecanismos de implementação: o Fundo Nacional da Cultura (FNC), os Fundos de

---

<sup>8</sup>HISTÓRIA da UNE. União Nacional dos Estudantes. Disponível em: <https://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/>. Acesso em: 12 set. 2021.

Investimento Cultural e Artístico (Ficart) e o incentivo a projetos culturais, também conhecido como Mecenato Cultural.

Segundo Lisowski (2015), o PRONAC não tem como proposta a estruturação do estado para garantir o acesso igualitário à cultura ou a efetivação dos direitos culturais, e sim a canalização e captação de recursos. Apesar disto, os mecanismos de financiamento estabelecidos pelo PRONAC se provaram ineficazes no alcance dos objetivos estipulados pela lei. De acordo com a autora, esta ineficácia se deu por uma falta de institucionalização da política pública, aspecto que é essencial para seu bom funcionamento, o que significa que o programa não foi capaz de articular as ações de poderes públicos de diferentes níveis e órgãos.

Em 2012 foi promulgada a Emenda Constitucional nº 71, que instituiu o Sistema Nacional de Cultura (SNC) como forma de reconhecimento à ineficácia do PRONAC em mobilizar os diversos agentes do poder público. O texto constitucional aponta:

Art. 216-A. O Sistema Nacional de Cultura, organizado em regime de colaboração, de forma descentralizada e participativa, institui um processo de gestão e promoção conjunta de políticas públicas de cultura, democráticas e permanentes, pactuadas entre os entes da Federação e a sociedade, tendo por objetivo promover o desenvolvimento humano, social e econômico com pleno exercício dos direitos culturais.

Musa, Passador e Paschoalotto (2017), em seu estudo, investigaram quais foram as dificuldades e facilidades na adesão dos municípios do Consórcio Intermunicipal Culturando às diretrizes do Sistema Nacional de Cultura e avaliaram os pontos positivos e negativos do consórcio. Os participantes da pesquisa realizada pelos autores apontaram que algumas das dificuldades de adesão às diretrizes do SNC foram a falta de interesse político e de eficiência na gestão dos recursos destinados à cultura, além da falta de pessoal qualificado. Alguns dos pontos positivos do consórcio foram a relação custo-benefício e a transparência do uso de recursos, enquanto um dos pontos a se melhorar foi a distribuição de recursos de forma mais democrática, a fim de promover um acesso à cultura mais abrangente (MUSA, PASSADOR, PASCHOALOTTO, 2017).

O Vale-Cultura é um projeto criado pela lei nº 12.761/2012 que consiste na concessão de um cartão pré-pago no valor de R\$ 50,00 a trabalhadores com vínculo empregatício formal que recebam até 5 salários-mínimos, para que possam comprar ingressos para teatros, cinemas, shows, livros e CDs, ou custear a mensalidade de cursos de dança, música, teatro e outras atividades culturais. De acordo com Rhoden, Terra e Maciel (2015), o programa consiste em uma política cultural que busca democratizar o acesso aos bens culturais entre a população, de forma a contribuir para a cidadania, ampliando a oportunidade de acesso à diversidade cultural.

Apesar de o vale-cultura possibilitar o acesso da população aos bens culturais, Marilena Chauí (2006, apud RHODEN et al, 2015) aponta que o projeto não tem como foco o fomento e incentivo às iniciativas culturais, e nem aqueles que ativamente criam, fazem e performam arte e cultura.

Desta forma, percebe-se que é preciso não apenas o investimento público em políticas que aproximem a população da cultura como “consumidores”, de forma a aumentar o capital cultural dos indivíduos, mas também como “produtores” – cabe ressaltar que o aspecto mercadológico da cultura, formado por “consumidores” e “produtores” não é o único aspecto válido, é preciso que haja espaço para a prática da arte sem a pressão de vendê-la como produto.

Outra crítica que pode ser feita ao projeto do vale-cultura, é que este benefício é concedido apenas àqueles com emprego formal, excluindo uma grande parcela da população brasileira – de acordo com o IBGE, até fevereiro de 2021, 34,8 milhões de trabalhadores brasileiros atuavam informalmente<sup>9</sup> e, até maio do mesmo ano, 14 milhões de brasileiros estavam desempregados<sup>10</sup>.

Para Júnior (2010), privar a população de uma oferta cultural ampla e plural é aliená-la, e cabe ao Estado assegurar a total liberdade de expressão e manifestações artísticas diversas, sendo crucial a abertura e manutenção de espaços dedicados a elas. Para o autor “democratizar a cultura é democratizar o acesso aos bens da cultura universal, permitindo que as pessoas se elevem à autoconsciência de sua participação no gênero humano [...] manter a população no campo de uma cultura ‘rasa’ é o melhor caminho para subjugar-la” (JÚNIOR, 2010, p. 160)

Tendo em vista a necessidade de fomentar não apenas o consumo de diversos tipos de manifestações artísticas, mas também a oportunidade de produzir e criar arte, e, além disso, ter um espaço para a divulgação e exposição da cultura, é que surgem, por exemplo, as Lonas Culturais, que oferecem eventos, shows, cursos e atividades culturais a preços acessíveis ou gratuitamente, não sendo exigido que os frequentadores e participantes estejam formalmente empregados para usufruir do espaço. Segundo Morettoni e Carneiro (2016):

Uma Lona Cultural é um espaço que funciona como centro de artes e desenvolve ações e atividades para todos os públicos, oferecendo espetáculos de música, teatro, dança e poesia, além de cursos e palestras a preços reduzidos. É uma forma de integração dos moradores de uma região, pois é um espaço de livre expressão, troca de ideias e

---

<sup>9</sup>AMORIM, Daniela. País tem taxa de informalidade de 39,6% no trimestre até fevereiro, diz IBGE. Estadão, ano 2021, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2021/04/30/pais-tem-taxa-de-informalidade-de-396-no-trimestre-ate-fevereiro-diz-ibge.htm>. Acesso em: 12 set. 2021.

<sup>10</sup>DESEMPREGO no Brasil fica 14,6% e atinge 14 milhões de pessoas, diz IBGE. Exame, ano 2021, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://exame.com/economia/desemprego-no-brasil-fica-146-e-atinge-14-milhoes-de-pessoas-diz-ibge/>. Acesso em: 12 set. 2021.

experiências. As lonas culturais surgem a partir de investimentos e manutenção do poder público. (MORETTONI, CARNEIRO, 2016, p.7)

Segundo as autoras, a implementação de Lonas Culturais segue uma lógica inversa à das políticas públicas de acesso à cultura mais comuns, não se concentrando apenas em democratizar aparelhos culturais que já existam por meio da redução de preços de ingressos, por exemplo, mas de criar novos espaços culturais que permitam a oferta de múltiplas manifestações artísticas. O objetivo é descentralizar o acesso à cultura dos grandes aparelhos culturais para centros e lonas culturais, permitindo que a população tenha acesso a uma maior diversidade de manifestações culturais, tendo então o poder de escolha sob o que quer ou não consumir (MORETTONI, CARNEIRO, 2016). As especificidades do projeto Lona Cultural serão abordadas mais à frente.

Se tratando de políticas públicas culturais no município do Rio de Janeiro, além das Lonas Culturais, existem também projetos da Secretaria de Cultura do Município do Rio de Janeiro para fomentar o setor cultural. Em 2013, por meio da Lei N° 5.553, foi estabelecido o incentivo fiscal de Imposto sobre Serviços – ISS do Município em benefício da produção de projetos culturais. Através da Lei do ISS, empresas contribuintes podem destinar até 20% do ISS recolhido mensalmente para projetos culturais (MARQUEZINE, 2018). Desta forma, a Prefeitura do Rio de Janeiro realiza uma renúncia fiscal de 1% do ISS arrecadado, destinando-o ao patrocínio de projetos culturais (BRONSTEIN, 2017).

Em 2021, o município do Rio instituiu o Programa de Fomento à Cultura Carioca (FOCA), que promete: “disponibilizar R\$ 20 milhões para mais de 300 projetos de diversas linhas de ação e também vai incentivar artistas de diferentes territórios, destacando as favelas, além de arte antirracista e LGBTI+” (SMC, 2021). O projeto consiste em duas linhas de atuação distintas: a primeira tem como foco as linguagens artísticas, procurando apoiar a cultura popular, arte urbana, produções LGBTI+ e antirracistas; já a segunda linha tem como foco as relações entre cultura e território, buscando fomentar a cultura nas favelas da Zonas Sul, Centro, e localidades nas Zonas Norte e Oeste (SMC, 2021).

### **2.3 O acesso à cultura na região de Jacarepaguá**

Para contextualizar aqueles que não possuam familiaridade com a geografia carioca, cabe o esclarecimento de que o município do Rio de Janeiro é subdividido em quatro áreas geográficas: Centro, Zona Sul, Zona Norte e Zona Oeste, sendo 79% da população carioca moradora da Zona Norte ou Oeste e 21% da Zona Sul e Centro (SUZANO, 2020). A prefeitura

do Rio de Janeiro não utiliza oficialmente a divisão de “zonas”, optando pela divisão da cidade em Áreas de Planejamento (OLIVEIRA, 2017).

Dantas (2016) realizou um estudo quantitativo com o objetivo de analisar a distribuição dos equipamentos culturais sob gestão da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Para isto, se baseou na divisão do Rio de Janeiro em Áreas de Planejamento (APs), sendo a AP 1 equivalente ao Centro, a AP 2 à Zona Sul, AP 3 à Zona Norte e as APs 4 e 5 correspondentes à Zona Oeste<sup>11</sup>. Além disto, a autora listou os equipamentos culturais sob gestão da SMC-RJ nas seguintes categorias: Arenas Culturais, Bibliotecas, Centros Culturais, Lonas Culturais, Museus, e teatros da SMC-RJ.

Com seu estudo, Dantas (2016) constatou que a oferta cultural da cidade demonstrava grande disparidade, sendo os equipamentos culturais por Área de Planejamento distribuídos da seguinte forma:

**Tabela 2** - Distribuição de espaços culturais por Área de Planejamento do Rio de Janeiro

A.P. 1	A.P. 2	A.P. 3	A.P. 4	A.P. 5
25,92%	24,72%	34,46%	3,94%	10,96%

Fonte: DANTAS (2016)

Assim, constata-se que a oferta de equipamentos culturais nas AP's que constituem a Zona Oeste, mesmo somadas, sequer chegam ao valor de outras áreas. Estes resultados não são muito diferentes daqueles obtidos por Cazelli e Franco (2006), que apontaram que a maior parte dos equipamentos culturais estavam localizados no Centro, Zona Sul, Tijuca e Barra, áreas de maior poder aquisitivo, mas que concentram apenas 25% da população carioca. Levando em conta a figura do bairro da Barra da Tijuca, é necessário esclarecer certos aspectos sobre a Zona Oeste e a Região de Jacarepaguá.

As Áreas de Planejamento são compostas por Regiões Administrativas, que, por sua vez, são compostas por bairros. A A.P. 4 é composta pelas Regiões Administrativas Jacarepaguá, Cidade de Deus e Barra da Tijuca, enquanto a A.P. 5 é composta pelas Regiões Administrativas Bangu, Campo Grande, Santa Cruz, Guaratiba e Realengo (OLIVEIRA, 2017). É possível observar a organização das Áreas de Planejamento, suas respectivas Regiões Administrativas e bairros na tabela 3:

<sup>11</sup>LISTA DE BAIRROS E ÁREAS DE PLANEJAMENTO (AP'S). Disponível em: [http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/5148142/4145881/ListadeBairroseAPs\\_Mapa](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/5148142/4145881/ListadeBairroseAPs_Mapa). Acesso em: 12 set. 2021.

**Tabela 3 - Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas da Zona Oeste**

Área de Planejamento	Região Administrativa	Bairro
4.1	R.A. Jacarepaguá	Jacarepaguá
		Anil
		Gardênia Azul
		Curicica
		Freguesia de Jacarepaguá
		Pechincha
		Taquara
		Tanque
		Praça Seca
	Vila Valqueire	
	R.A. Cidade de Deus	Cidade de Deus
4.2	R.A. Barra da Tijuca	Joá
		Itanhangá
		Barra da Tijuca
		Camorim
		Vargem Pequena
		Vargem Grande
		Recreio dos Bandeirantes
5.1	R.A. Bangu	Grumari
		Padre Miguel
		Bangu
		Senador Camará
	R.A. Realengo	Gericinó
		Deodoro
		Vila Militar
		Campo dos Afonsos
		Jardim Sulacap
		Magalhães Bastos
5.2.	R.A. Campo Grande	Realengo
		Santíssimo
		Campo Grande
		Senador Vasconcelos
		Inhoáíba
		Cosmos
5.3	R.A. Santa Cruz	Paciência
		Santa Cruz
		Sepetiba
5.4	R.A. Guaratiba	Guaratiba
		Barra de Guaratiba
		Pedra de Guaratiba

**Fonte:** Desenvolvido pela autora, baseado em dados da Prefeitura do Rio de Janeiro

Cabe, neste momento, esclarecer que existe um cenário de desigualdade não só entre as A.P.s 4 e 5, como também entre as Regiões administrativas Jacarepaguá e Barra. A realidade dos bairros de Santa Cruz, Bangu e Campo Grande é consideravelmente distinta daquela dos bairros de Jacarepaguá que, por sua vez, tem realidade distinta dos bairros da Barra.

A Barra da Tijuca por muitos anos foi associada à região de Jacarepaguá, por conta de ambas as regiões fazerem parte da Baixada de Jacarepaguá – área geográfica composta pelos bairros Barra da Tijuca, Recreio, Vargem Grande, Vargem Pequena, Camorim, Anil, Freguesia, Jacarepaguá, Curicica, Taquara, Cidade de Deus, Tanque, Praça Seca, Itanhangá, Gardênia Azul e Pechincha<sup>12</sup>.

Até meados do século XX, a Zona Oeste era considerada a Zona Rural da cidade do Rio de Janeiro, mas a partir dos anos 70, houve uma segregação social que resultou na transformação da Barra da Tijuca e do Recreio dos Bandeirantes em lugares de forte investimentos imobiliários voltados para a classe média e média alta, por se tratar de uma área prevista para a expansão da Zona Sul (OLIVEIRA, 2017; LIMA, CARVALHO, 2016) – em 1988, houve um plebiscito que pretendia tornar a Barra da Tijuca em um local emancipado do Rio de Janeiro<sup>13</sup>. Desta forma, com o crescimento acelerado da Zona Oeste, essa – excluindo Barra e Recreio – passou a concentrar uma população de renda mais baixa.

Qual seria então a correlação entre a concentração de população de renda mais alta na Barra da Tijuca e o acesso à cultura pelos moradores da região de Jacarepaguá?

A Barra da Tijuca concentra a maior parte dos espaços culturais da Zona Oeste do Rio, mas se trata de espaços, em sua maioria, privados ou direcionados a um público de alto poder aquisitivo (MORETTONI, CARNEIRO, 2016). A distância física é um dos principais aspectos que dificulta o acesso de moradores da Zona Oeste aos espaços culturais da Zona Sul e Centro, além da oferta precária de transporte público na região (SUZANO, 2020) – a Barra da Tijuca é o único bairro da Zona Oeste que possui metrô, por exemplo. Para um morador de Jacarepaguá, seria consideravelmente mais simples acessar a Barra da Tijuca do que o Centro ou a Zona Sul, porém, pelo valor alto dos programas oferecidos na região, a população de Jacarepaguá é novamente alijada da oportunidade de usufruir amplamente da cultura.

A precariedade do transporte público é ainda mais agravada aos finais de semana, quando muitas linhas de ônibus e trens têm suas frotas e horários reduzidos, sendo então passada

---

<sup>12</sup>SOARES, Leonardo. O que é a Baixada de Jacarepaguá?. Disponível em: [https://www.academia.edu/36702227/O\\_que\\_é\\_a\\_Baixada\\_de\\_Jacarepaguá](https://www.academia.edu/36702227/O_que_é_a_Baixada_de_Jacarepaguá). Acesso em: 12 set. 2021.

<sup>13</sup>BASTOS, Pedro Paulo. O ano em que a Barra quase saiu do mapa do Rio. Veja Rio, ano 2017, 25 fev. 2017. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/blog/as-ruas-do-rio/o-ano-em-que-a-barra-quase-saiu-do-mapa-do-rio/>. Acesso em: 12 set. 2021.

a mensagem de que a população pode ter acesso a essas regiões apenas com o intuito de trabalhar, e não para o lazer (SUZANO, 2020).

Além do poder aquisitivo – fator que é de grande relevância na falta de acesso de moradores da Zona Oeste à espaços culturais na Barra, Zona Sul e Centro – e da distância física, Suzano (2020) aponta que existem também uma distância simbólica entre os moradores da Zona Oeste e Zona Sul, advindo principalmente de um conflito de classes e da elitização histórica da arte e da cultura. Além disso, a autora também aponta que para a compreensão de certas obras ou performances é preciso uma bagagem cultural e educacional – capital cultural – que não é oferecida ao morador da Zona Oeste – é este motivo que torna o consumo e produção de arte maior dentre a elite da Zona Sul, eles têm e sempre tiveram acesso à cultura, e só se pode produzir e gostar daquilo que se conhece.

Algo similar é abordado por Gomes (2020), que, em seu trabalho sobre militâncias culturais na Zona Oeste do Rio, indica que os jovens que obtiveram capital cultural foram aqueles que tiveram a possibilidade de sair da Zona Oeste e circular pelo restante da cidade, tendo acesso a experiências artísticas diversas. Na visão da autora, o acúmulo desse capital cultural implica uma distinção.

Neste contexto, demonstra-se a importância do projeto Lona Cultural, que surge com o objetivo de “atender a demanda por equipamentos urbanos de cultura nos bairros mais distantes da zona sul e da área central da cidade, horizontalizando e democratizando o acesso ao produto cultural” (FERRAN, 2000). Até 2022, existem 7 Lonas Culturais, 3 Areninhas Culturais e 4 Arenas Culturais no Rio de Janeiro, distribuídas conforme a tabela 4.

**Tabela 4** - Distribuição das Lonas Culturais do município do Rio de Janeiro

Equipamento cultural	Bairro	Área de Planejamento	Zona
Arena Carioca Carlos Roberto de Oliveira Dicro	Penha	3	Norte
Arena Carioca Fernando Torres	Madureira	3	Norte
Arena Carioca Jovelina Pérola Negra	Pavuna	3	Norte
Arena Carioca Abelardo Barbosa - Chacrinha	Pedra de Guaratiba	5	Oeste
Areninha Carioca Hermeto Pascoal	Bangu	5	Oeste
Areninha Carioca Renato Russo	Ilha do Governador	3	Norte
Areninha Carioca Gilberto Gil	Realengo	5	Oeste
Lona Cultural Municipal Jacob do Bandolim	Pechincha	4	Oeste
Lona Cultural Municipal João Bosco	Vista Alegre	3	Norte
Lona Cultural Municipal Terra	Guadalupe	3	Norte
Lona Cultural Municipal Herbert Vianna	Maré	3	Norte
Lona Cultural Municipal Carlos Zéfiro	Del Castilho	3	Norte
Lona Cultural Municipal Elza Osborne	Campo Grande	5	Oeste
Lona Cultural Municipal Sandra de Sá	Santa Cruz	5	Oeste

**Fonte:** Elaborado pela autora, com base nos dados da Prefeitura do Rio de Janeiro

Chama-se atenção para o fato de que a Lona de Jacarepaguá é a única em toda a Área de Planejamento 4 (Regiões Administrativas Jacarepaguá e Barra), enquanto na A.P. 5 temos 4 Lonas para 5 Regiões Administrativas, o que pode ser justificado por conta da extensão geográfica e populacional da A.P. 5 serem superiores à da A.P. 4.

Como indicado, este estudo se concentra especificamente na Região Administrativa de Jacarepaguá, que compreende os bairros: Jacarepaguá, Anil, Gardênia Azul, Curicica, Freguesia de Jacarepaguá, Pechincha, Taquara, Tanque, Praça Seca e Vila Valqueire. Apesar disto, destaca-se aqui a importância e relevância de estudos que vierem a ser realizados sobre o acesso à cultura em demais regiões da Zona Oeste do Rio de Janeiro, e não menos importante é o investimento nos aparelhos culturais existentes nessas áreas.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

#### 3.1 Metodologia

O objetivo principal desta pesquisa é entender a influência da Lona Cultural Municipal Jacob do Bandolim no acesso à cultura na região de Jacarepaguá no município do Rio de Janeiro. Para isso, foi necessário atender aos seguintes objetivos intermediários: (i) Revisar a literatura existente relacionada à importância da cultura na sociedade, políticas públicas culturais e o acesso à cultura no Rio de Janeiro; (ii) Analisar a documentação existente sobre as Lonas Culturais do Rio de Janeiro; (iii) Realizar pesquisa de campo com visitantes, artistas e gestores da Lona Cultural Jacob do Bandolim; (iv) Triangular os dados advindos das múltiplas fontes; (v) Analisar os dados obtidos a fim de compreender a influência da Lona Cultural no acesso à cultura

A fim de categorizar este trabalho de acordo com os critérios propostos por Vergara (1998), cabe definir que, quanto aos fins, esta pesquisa será exploratória e descritiva: descritiva, pois se dedica a descrever a forma que a Lona Cultural de Jacarepaguá é gerida e as percepções daqueles que a gerem e frequentam; e exploratória, pois não foi possível encontrar trabalhos que investigassem especificamente a realidade da Lona Cultural de Jacarepaguá, caracterizando esta como uma área de pouco conhecimento prévio.

Quanto aos meios, esta pesquisa pode ser classificada como uma pesquisa de campo, pesquisa documental e como um estudo de caso. Se trata de uma pesquisa de campo, pois foram realizadas entrevistas com diversos sujeitos relacionados à Lona Cultural; documental, devido à consulta a documentos relacionados à gestão das Lonas Culturais e finanças do setor cultural do Rio de Janeiro; por fim, consiste num estudo de caso pois se dedica a explorar com profundidade apenas a Lona Cultural Jacob do Bandolim.

Estudos de caso podem ser caracterizados como “uma descrição holística e intensiva, bem como a análise de um fenômeno limitado, tal como um programa, uma instituição, uma pessoa, um processo ou uma unidade social” (MERRIAM, 1998, p. 13 *apud* Yazan 2015). Segundo Yin (2001), estudos de caso podem ser complementados com pesquisas exploratórias e descritivas – tal como ocorreu neste trabalho.

### 3.2 Seleção de sujeitos

Os sujeitos selecionados para a pesquisa foram pessoas que já tenham visitado, se apresentado ou feito algum curso na Lona Cultural Jacob do Bandolim ao menos uma vez. Além disso, também foram sujeitos da pesquisa membros que compõem a gestão da Lona Cultural.

Inicialmente, foi elaborado um formulário na plataforma *Google Forms* para convocar visitantes, artistas e alunos de cursos. Neste formulário os sujeitos foram questionados sobre se já foram na Lona Cultural, se foram visitantes, artistas ou alunos, se tinham o desejo de participar da entrevista e qual era o melhor dia na semana para realizá-la. O formulário foi compartilhado nos perfis da pesquisadora no *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, sendo então repassado adiante por outras pessoas, recebendo um total de 24 respostas entre janeiro e abril de 2022. Por conta do tempo limitado para a realização da pesquisa, foram selecionados 12 sujeitos para participarem das entrevistas. As entrevistas foram realizadas entre fevereiro e abril de 2022, e tiveram duração de em média 30 minutos.

Se tratando da equipe da Lona Cultural de Jacarepaguá, foi realizado o contato direto por meio do *Instagram* do equipamento cultural, explicitando o objetivo da pesquisa e solicitando a participação de membros da gestão nas entrevistas. A partir do aceite da participação na pesquisa, a pesquisadora foi convidada a visitar a Lona Cultural para realizar as entrevistas de forma presencial com 4 membros da gestão: 2 membros oficiais da equipe e 2 membros voluntários.

Na tabela 5, estão elencados todos os sujeitos entrevistados, sua idade, bairro onde moram e categoria nas quais se enquadram. Os nomes dos sujeitos foram alterados para garantir seu anonimato.

**Tabela 5** - Informações dos sujeitos da pesquisa

Nome	Idade	Bairro	Relação com a Lona	Tipo de Entrevista
Alice	21	Pechincha	Visitante	Semiestruturada ( <i>Online</i> )
Ana	30	Freguesia	Equipe	Semiestruturada ( <i>Presencial</i> )
Antônio	44	Tijuca	Visitante	Semiestruturada ( <i>Online</i> )
Carlos	22	Tanque	Artista/Visitante/Aluno de curso	Semiestruturada ( <i>Online</i> )
Carol	21	Tanque	Visitante	Semiestruturada ( <i>Online</i> )
Daniel	43	Copacabana	Artista	Semiestruturada ( <i>Online</i> )
Joana	21	Pechincha	Visitante	Semiestruturada ( <i>Online</i> )
João	31	Tanque	Equipe	Semiestruturada ( <i>Presencial</i> )
Leandro*	51	Maricá	Equipe (Voluntário)	Semiestruturada ( <i>Presencial</i> )
Marcos	22	Pechincha	Artista/Visitante	Semiestruturada ( <i>Online</i> )
Martha	41	Irajá	Visitante	Semiestruturada ( <i>Online</i> )
Milena	23	Pechincha	Artista/Visitante	Semiestruturada ( <i>Online</i> )
Naiara*	50	Maricá	Equipe (Voluntário)	Semiestruturada ( <i>Presencial</i> )
Paula	47	Freguesia	Aluna de curso/Visitante	Semiestruturada ( <i>Online</i> )
Rosa**	23	Barra da Tijuca	Visitante	Semiestruturada ( <i>Online</i> )
Tiago	25	Barra da Tijuca	Artista	Semiestruturada ( <i>Online</i> )

\*Entrevistado deu apenas o nome do município no qual reside.

\*\*A entrevista com Rosa foi perdida devido a problemas de captação de áudio.

Além destes 4 grupos de sujeitos entrevistados, foram consultados também documentos públicos relacionados à gestão das Lonas Culturais, os dados financeiros do município do Rio de Janeiro e as redes sociais da Lona Cultural Jacob do Bandolim.

### 3.3 Coleta de dados

Por conta da pesquisa se tratar de um estudo de caso com o objetivo de entender a influência da Lona Cultural no acesso à cultura na região de Jacarepaguá, fez-se necessária a utilização de mais de um tipo de coleta de dados. Assim, os dados foram obtidos através de pesquisa documental e pesquisa de campo. A pesquisa documental consistiu na análise de documentos públicos relacionados à gestão das Lonas Culturais, finanças do Município do Rio de Janeiro e das redes sociais da Lona Cultural.

Já a pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, por se tratar de um método mais apropriado para entender as bases utilizadas pelo entrevistado para formar suas visões; e tem como objetivo desenvolver um entendimento das circunstâncias em que o respondente está inserido (EASTERBY-SMITH, THORPE, JACKSON, 2015). Por conta

do objetivo da pesquisa – Entender a influência da Lona Cultural Municipal Jacob do Bandolim no acesso à cultura na região de Jacarepaguá –, é necessário entender o contexto em que os sujeitos estão inseridos.

Para Manzini (1990, apud MANZINI, 2004): “a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”.

Devido ao contexto da Pandemia do Covid-19 durante a realização desta pesquisa, as entrevistas semiestruturadas com os frequentadores, artistas e alunos foram realizadas *online*, enquanto as entrevistas com a equipe da Lona foram realizadas presencialmente, devido à preferência do método pelos entrevistados, além do contexto de abertura pós-pandemia.

As entrevistas *online* foram realizadas pela plataforma *Google Meet* e, com a autorização dos entrevistados, foram gravadas utilizando o *software OBS*. As entrevistas presenciais foram realizadas por meio do encontro da pesquisadora com a equipe na própria Lona Cultural Jacob do Bandolim, que foram gravadas utilizando o gravador de voz do celular, com a devida autorização e sendo assegurado o anonimato dos entrevistados.

Para cada grupo de sujeitos foram utilizados roteiros específicos (Apêndices A, B, C e D) e o roteiro geral (Apêndice E), de acordo com a relação do sujeito com a Lona. Para ilustrar, cito o entrevistado sob o pseudônimo Carlos: Carlos já visitou, se apresentou e foi aluno de cursos da Lona Cultural, portanto, durante a sua entrevista foram utilizados os roteiros de visitantes, alunos, artistas e o roteiro geral.

### **3.4 Análise de dados**

De acordo com Yin (2001), obter diversas fontes de evidências é crucial para a elaboração de um estudo de caso. Desta forma, foi necessário angariar fontes de evidências diferentes, a fim de triangular e analisar os dados coletados. Segundo Vergara (2005, p. 257): “a triangulação pode ser definida como uma estratégia de pesquisa baseada na utilização de diversos métodos para investigar um mesmo fenômeno”.

Para realizar a triangulação, os dados foram analisados de forma qualitativa, por meio da análise de conteúdo. A análise de conteúdo é o método mais adequado para esta pesquisa, já que, segundo Vergara (2005), se trata de uma técnica de tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de um determinado tema. A análise de conteúdo é definida como a análise das comunicações que permite obter indicadores que permitam a inferência de

conhecimentos relativos às condições de produção dessas mensagens (BARDIN, 1977 *apud* VERGARA, 2005).

Os dados obtidos nos documentos consultados e entrevistas realizadas foram analisados de acordo com as etapas básicas da análise de conteúdo: pré análise, exploração do material e tratamento dos dados e interpretação (BARDIN, 1977 *apud* VERGARA, 2005). Algumas das categorias definidas durante a pesquisa foram, por exemplo: percepção sobre a responsabilidade estatal em relação ao acesso à cultura, motivação para frequentar a Lona e visão sobre a importância da cultura.

Desta forma, os dados foram analisados à luz da literatura previamente consultada, com o propósito de estabelecer correlações entre as respostas obtidas pelos entrevistados, os dados oficiais do Município e a literatura, a fim de cumprir plenamente o objetivo da pesquisa: entender a influência da Lona Cultural Municipal Jacob do Bandolim no acesso à cultura na região de Jacarepaguá no município do Rio de Janeiro

### **3.5 Limitações**

Algumas limitações da pesquisa serão, possivelmente, advindas do próprio método de coleta de dados escolhido. Limitações encontradas comumente ao realizar entrevistas são: Quantidade de tempo necessário para realizar a entrevista, falhas de comunicação entre o entrevistador e o entrevistado, possibilidade de o entrevistado ser influenciado, análise errônea do entrevistador sobre uma resposta, entre outros.

De acordo com Yin (2001), estudos de caso podem sofrer com a falta de rigor do pesquisador, que pode aceitar evidências equivocadas ou visões tendenciosas que influenciem as descobertas e conclusões. O autor aponta também que uma preocupação comum aos estudos de caso é que fornecem pouca base para realizar uma generalização científica, além da demora para realizá-los.

Além das limitações relativas ao uso de entrevistas e estudos de caso, também foram encontradas limitações relacionadas ao período de pandemia atual. Por conta do COVID-19, até meados de 2022, não estavam ocorrendo eventos nas Lonas Culturais, o que limitou o acesso aos sujeitos da pesquisa, exigindo que a maior parte das entrevistas precisaram ser realizadas de forma remota, o que as fez perder parte do caráter de proximidade das entrevistas.

Uma limitação encontrada durante a realização da pesquisa foi a quantidade limitada de literatura sobre as Lonas Culturais e, especificamente, sobre a região de Jacarepaguá. Além

disso, o acesso aos dados públicos do Município se demonstrou complexo, já que por muitas vezes foram de difícil acesso e compreensão.

## 4 ANÁLISE DE RESULTADOS

### 4.1 A Lona Cultural Jacob do Bandolim

A Lona Cultural Jacob do Bandolim – conhecida popularmente como Lona de Jacarepaguá – é um dos espaços culturais pertencentes aos 10 que compõem o projeto Lonas/Areninhas Culturais. A Lona de Jacarepaguá está localizada no bairro do Pechincha e foi inaugurada em 18 de setembro de 2007, recebendo seu nome em homenagem ao músico Jacob do Bandolim, que foi morador da região de Jacarepaguá.

A Lona, branca e verde, se encontra no fundo de um pátio aberto, onde também é possível encontrar uma cantina, uma estrutura onde ficam salas e camarins que se conectam ao palco da Lona. No interior da Lona, podemos visualizar um palco e, à frente dele, a arquibancada de concreto semicircular.

**Figura 1 - A Lona Cultural Jacob do Bandolim**



**Fonte:** Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

A gestão das Lonas Culturais é realizada através de parcerias da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro com Organizações da Sociedade Civil (OSC). De acordo com o Manual de Parcerias Voluntária do Município do Rio de Janeiro, OSCs são:

- a) entidade privada sem fins lucrativos que não distribua entre os seus sócios ou associados, conselheiros, diretores, empregados, doadores ou terceiros eventuais resultados, sobras, excedentes operacionais, brutos ou líquidos, dividendos, isenções de qualquer natureza, participações ou parcelas do seu patrimônio, auferidos mediante o exercício de suas atividades, e que os aplique integralmente na consecução do respectivo objeto social, de forma imediata ou por meio da constituição de fundo patrimonial ou fundo de reserva;
- b) as sociedades cooperativas previstas na Lei no 9.867, de 10 de novembro de 1999; as integradas por pessoas em situação de risco ou vulnerabilidade pessoal ou social; as alcançadas por programas e ações de combate à pobreza e de geração de trabalho e renda; as voltadas para fomento, educação e capacitação de trabalhadores rurais ou capacitação de agentes de assistência técnica e extensão rural; e as capacitadas para execução de atividades ou de projetos de interesse público e de cunho social ou
- c) as organizações religiosas que se dediquem a atividades ou a projetos de interesse público e de cunho social distintas das destinadas a fins exclusivamente religiosos. (CONTROLADORIA GERAL DO MUNICÍPIO - RJ, 2019, p. 6)

Essas OSCs são convocadas por meio de Editais de Chamamento Público, podendo então se candidatar ao processo seletivo mediante apresentação de um Plano de Trabalho que esteja alinhado aos objetivos, metas e condições definidas pelo município no Edital. A Controladoria Geral do Município do Rio de Janeiro (2019, p.7) define o plano de trabalho como:

Instrumento por meio do qual são definidos o objeto da parceria, a descrição das metas a serem atingidas ou projetos a serem executados, a previsão das receitas e despesas serem realizadas, a forma de execução dos projetos ou das atividades e o cumprimento das metas a eles atreladas, a definição dos parâmetros que serão utilizados para verificação do cumprimento das metas.

A cogestão é financiada através de repasses quadrimestrais de verba da Secretaria Municipal de Cultura para as Organizações da Sociedade Civil. As OSC, por sua vez, precisam apresentar ao município uma prestação de contas ao final de cada quadrimestre, que, se aprovada, garantirá a liberação do repasse para o próximo quadrimestre.

De acordo com os dados do município, de 2015 a meados de 2021, a Lona Cultural de Jacarepaguá foi cogerida pela OSC Obra Social de Apoio ao Menor da Cidade de Deus. Em junho de 2021, a Prefeitura do Rio de Janeiro publicou um Edital de Chamamento Público visando à cogestão de 8 Lonas e Arenas Culturais. A Organização da Sociedade Civil escolhida neste processo para gerir a Lona Jacob do Bandolim foi a Associação Phábrica de Arthes.

#### **4.1.1 Gestão da Lona Cultural**

No Edital de Chamamento Público publicado em 2021, foi estipulado que cada Lona Cultural receberia R\$ 219.000,00 em 3 parcelas de R\$ 73.000,00. Ana, uma das pessoas que compõem a equipe da Lona, sintetizou brevemente como funcionam as finanças da Lona Cultural:

O repasse é feito de forma quadrimestral, a gente recebe três vezes por ano e aí vai e os pagamentos de pessoal são feitos no mês a mês, né? Pagamento, não salário, né? Porque aqui a gente trabalha totalmente com prestadores de serviço, MEI. Então assim, é pago mês a mês esse valor que a gente recebe por quadrimestre da secretaria, e funciona da seguinte forma: Você recebe mediante a prestação do quadrimestre anterior, né? Então assim, a primeira e a segunda parcela você entrega, eles liberam, e a terceira parcela você recebe mediante entrega e aprovação das duas prestações anteriores, das duas prestações conta dos quadrimestres anteriores, e é isso. (Ana, Equipe, Freguesia)

Os funcionários da Lona recebem como Microempreendedores Individuais (MEI), sendo seu pagamento realizado mensalmente e advém dos repasses da Secretaria Municipal de Cultura. Sobre este regime de contratação, Leandro considera que este modelo neoliberal contribui para a precarização do trabalho no ramo cultural:

Isso [os funcionários serem MEI] aumenta a rotatividade e isso gera também, como os valores são baixos e a pessoa tem que dedicar muito tempo ao trabalho, isso gera pra pessoa dificuldade dela atuar como um empreendedor, por mais que ela seja um microempreendedor, ela praticamente tem que prestar serviço pra um lugar só e isso é contraditório, é uma situação muito delicada. [...], mas você só consegue ter colaboradores como prestadores de serviço, eles são prestadores de serviço via CNPJ, é um modelo que eu não... esse modelo neoliberal que o nosso país insiste em adotar, que lança as pessoas mais frágeis na precariedade, né? (Leandro, Equipe (Voluntário), Maricá)

Além disso, João considera que o valor pago pelo seu trabalho está abaixo do nível de mercado da função que exerce.

Sim, eu sou pago mas eu não recebo salário, ninguém aqui recebe salário, a gente recebe como MEI. [...] A gente recebe como MEI, por um preço na verdade muito abaixo do que a função que eu exerço, por exemplo. (João, Equipe, Tanque)

Conforme o edital, a OSC responsável pela da Lona deve compor uma equipe com profissionais específicos. O próprio município apresentou uma planilha de custos, que se encontra em consonância com a apresentada pela Associação Phábrika de Arthes.

**Tabela 6** - Comparação entre os valores do Edital de Chamamento e os do Plano de Trabalho da OSC

EDITAL - Município do Rio de Janeiro		PLANO DE TRABALHO - Associação Phábrika de Arthes			
CUSTOS – LONA CULTURAL / ARENINHA CARIOCA		ORÇAMENTO			
ORÇAMENTO		ITEM	MESES	VALOR	TOTAL
Sonorização / Iluminação (Técnicos)	R\$ 7.150,00	Gestor Cultural	12	R\$ 2.000,00	R\$ 24.000,00
Gestor Cultural	R\$ 2.228,00	Produtor Cultural	12	R\$ 2.000,00	R\$ 24.000,00
Produtor Cultural	R\$ 2.228,00	Administrador	12	R\$ 2.000,00	R\$ 24.000,00
Administrador	R\$ 2.228,00	Auxiliar de Serviços Gerais	12	R\$ 1.100,00	R\$13.000,00
Auxiliar de Serviços Gerais	R\$ 1.100,00	Projetos Culturais - Oficinas	12	R\$ 2.000,00	R\$ 24.000,00
Projetos Culturais	R\$ 1.653,50	Projetos Culturais - Fundo conselho	12	R\$ 500,00	R\$ 6.000,00
Divulgação	R\$ 750,00	Divulgação	12	R\$ 600,00	R\$ 7.200,00
ISS	R\$ 912,50	Sonorização / iluminação (Técnicos)	12	R\$ 6.000,00	R\$ 72.000,00
<b>Subtotal</b>	<b>R\$ 17.337,50</b>	<b>Subtotal</b>		<b>R\$ 16.200,00</b>	<b>R\$ 194.400,00</b>
<b>Total</b>	<b>R\$ 18.250,00</b>	Taxas e Imposto - ISS	12	R\$ 810,00	R\$ 9.720,00
		<b>Total</b>		<b>R\$ 17.010,00</b>	<b>R\$ 204.120,00</b>

**Fontes:** Elaborado pela autora, com base nos dados da Prefeitura do Rio de Janeiro

Segundo os entrevistados, o valor repassado pela Secretaria Municipal de Cultura é suficiente apenas para este pagamento mensal dos funcionários da Lona Cultural.

Não é muito difícil fazer as finanças da Lona, porque a gente tem um dinheiro muito curto e todos os nossos gastos estão planilhados. Então o dinheiro que a gente tem é para pagar pessoal, né? (João, Equipe, Pechincha)

No plano de trabalho o valor que a gente recebe do repasse da prefeitura é para pagamento de pessoal, entendeu? E das pessoas mesmo para trabalharem aqui, não temos nem para fazedores de cultura, para realizar produções aqui dentro, não. (Ana, Equipe, Freguesia)

Desta forma, é possível concluir que o valor repassado pelo município não tem como objetivo cobrir qualquer tipo de custo adicional gerado no dia a dia da gestão da Lona. De acordo com a equipe, esses custos adicionais seriam cobertos pelos fundos obtidos através da porcentagem da bilheteria de eventos pagos.

Questão de bilheteria, a gente pode aqui pautar evento gratuito ou com bilheteria. Bilheteria [...] é de 70/30, quando é uma produção externa. 70% da produção e 30% da Lona, foi como a secretaria colocou e a gente aderiu isso, achou que seria uma boa ideia já começar como eles querem, unificar, deixar o uniforme. (Ana, Equipe, Freguesia)

No edital, a prefeitura indica que o valor médio máximo a ser cobrado pelos ingressos deve ser de R\$ 40,00, ordem que, de acordo com as consultas realizadas no *Instagram* da Lona Cultural, foi cumprida até então.

Em relação ao planejamento de eventos, existem alguns eventos obrigatórios que a Secretaria Municipal de Cultura exige que sejam realizados em todas as Lonas Culturais, como por exemplo: (i) No mínimo 4 oficinas - de música, teatro, dança, circo, entre outros - por mês, sendo no mínimo 2 delas gratuitas; (ii) Pelo menos 1 dia na semana dedicado à realização e apoio de ações locais do território.

Além destes eventos obrigatórios e das oficinas apresentadas no plano de trabalho, a gestão também tem liberdade para selecionar pautas de espetáculos ou eventos que venham a lhe ser apresentados, abraçando também pautas locais.

A gente continuou com algumas ações locais que já aconteciam de gestões anteriores, né? Algumas oficinas. As oficinas que a gente botou no nosso plano, que a gente apresentou no processo de licitação, são essas oficinas que a gente tem que cumprir. O calendário anual de eventos é de datas comemorativas, né? Por exemplo, folclore, festividade juninas que vem aí agora, carnaval, enfim, são o calendário anual de eventos que a gente já tá acostumado que rola sempre aquela festividade. Abraçamos também pautas externas, né? Na medida do possível, como a gente consegue, de acordo com a nossa situação. (Ana, Equipe, Freguesia)

João destaca a forma como a falta de verbas especificamente dedicadas à produção de espetáculos afeta a gestão da Lona.

Porque as pessoas às vezes batem aqui e acham que a gente pode fazer uma coisa por eles que a gente não pode fazer, o dinheiro que a gente tem na Lona de produção, é para produção de oficina, que a gente produz, mas para espetáculo a gente só trabalha com parceria. Então é complicado, as pessoas têm dificuldade de fazer isso, entendeu? Então a gente precisa pensar numa forma de angariar fundos, de captar recursos locais também, para fazer isso acontecer. (João, Equipe, Tanque)

No tocante à forma que os eventos são divulgados, a equipe aponta que utilizam principalmente as redes sociais, em especial o *Instagram*, além de outros métodos mais analógicos, como indicou Leandro.

As oficinas e ações elas hoje em dia são divulgadas principalmente pelas redes sociais da Lona, principalmente o *Instagram*. Nós utilizamos muito *WhatsApp*, parceria com mídias locais, com rádio local e com o jornal local também, tem um portal de comunicação local que é parceiro na divulgação também. De acordo com o perfil de cada atividade, a gente utiliza faixa de ráfia, que podem ser colocadas na Lona ou em locais que são permitidos colocar no território e cartazes, né? Algumas a gente utiliza flyer, de acordo com o perfil de cada atividade. Mas basicamente é isso, rede social, cartaz A3, faixa de ráfia e carro de som, quando são eventos maiores. (Leandro, Equipe (Voluntário), Maricá)

Vale notar que a falta de divulgação foi algo abordado pelos frequentadores e artistas, que perceberam uma queda na divulgação de eventos.

Às vezes eu achava que tudo que tava acontecendo lá era pouco divulgado, porque ficava tudo tão vazio, né? Às vezes eu acho que falta um pouco a questão do marketing mesmo, da divulgação, acho que era isso. Porque eu percebia que era tudo muito vazio, que tinha um potencial de ter mais gente, de ter um número maior de pessoas ainda daquela comunidade envolvidas e não tinha... (Paula, Aluna de Curso/Visitante, Freguesia)

Um pouco antes da pandemia eu não via muita coisa sendo anunciada a respeito, tá? [...] vira e mexe tinha banner anunciando e tal, e nesses últimos anos eu não tenho visto, até um pouco antes da pandemia começar eu não havia visto, eu parei de vê-los. (Carlos, Artista/Aluno de Curso, Visitante, Tanque)

Eu lembro que sempre tinha evento lá, eu sempre passava lá e via até as coisas das oficinas que você falou, eu cheguei a pensar em fazer aula de teatro lá, eu acho. E hoje em dia, cara, eu não vejo nem mais aqueles ‘bannerzinhos’ de show de nada, sabe? (Milena, Artista/Visitante, Pechincha)

Quando questionados sobre as diferenças na experiência de gerir a Lona Cultural, comparado às suas experiências prévias, demonstraram principalmente uma dificuldade de lidar com o engessamento do aparelho público, que por sua vez responde não só ao governo como à sociedade, como indicam Leandro e Naiara:

Sim, existe uma diferença muito grande entre você ter um equipamento independente, né? [...] A frente de um equipamento como a Lona Municipal, ela responde diretamente a uma secretaria, no caso a Secretaria Municipal de Cultura, e o momento que a gente está vivendo é de uma secretaria atuante, que vem resgatando a cena cultural da cidade do Rio de Janeiro [...] Então quando você apresenta um plano de trabalho como o nosso que sai vencedor de uma licitação, você também assume um compromisso com o poder público e você tá seguindo as diretrizes, então é completamente diferente, você não tem tanta autonomia. Você tem até autonomia para desenvolver um trabalho, né? O perfil de trabalho, ele pode ser moldado e deve ser moldado ao território, à cena cultural do território, fomentar tudo isso, o surgimento de novos atores, apoiar o fortalecimento da cena cultural na região, mas dentro de parâmetros estabelecidos pela secretaria. Então você tem um pouco menos de autonomia e você tem que estar respondendo diariamente, porque a coisa é pública, você tá lidando com o investimento público e você deve satisfação ao poder público e a população do que você tá fazendo com esse investimento. (Leandro, Equipe (voluntário), Maricá)

“Aqui a gente ficou um pouquinho engessado, essa talvez seja a minha frustração... mas quando a gente conseguiu vencer essa licitação, a gente pegou tudo que a gente faz [no outro espaço cultural] e falou “a gente vai fazer na Lona”, entendeu? Eu imaginei que a gente fosse reproduzir aqui e a gente tá tendo um pouco de dificuldade, entendeu? Por isso que a gente ficou um pouquinho frustrado de a gente não poder estar realizando como a gente realizava lá, a gente achou que fosse muito melhor aqui, muito maior o trabalho, né? Talvez tenha sido isso. (Naiara, Equipe (voluntário), Maricá)

Além disso também comentam sobre os desafios na sua atuação:

Tá sendo um desafio bem grande, né? Porque a gente pegou o equipamento numa situação bastante degradada, muitos problemas estruturais e está sendo um desafio muito grande, né? Porque a gente entende a potência deste equipamento, a importância dele para a região e encontrar no estado que a gente encontrou, pela gestão anterior, né? Enfim, acho que não precisa entrar em muitos detalhes, já sabe, questões políticas... E

foi assim, um abandono, um descaso mesmo, sobretudo com a área da cultura. (Ana, Equipe, Freguesia)

Vale ressaltar que as respostas dos membros da equipe se encontram majoritariamente de acordo com os itens discriminados no edital, o que demonstra um conhecimento pleno das funções e obrigações que possuem como responsáveis pela gestão do aparelho.

#### **4.1.2 A Lona Cultural de Jacarepaguá no Contexto Atual**

Na percepção dos membros da equipe da Lona que foram entrevistados, o equipamento sofreu um grande abandono por parte do município e dos gestores prévios da Lona. Quando questionados em relação à experiência de assumir a gestão da Lona, apontaram:

Quando a gente chegou na Lona a gente viu a Lona num estado degradado, assim. A gente sabe que o governo anterior, a prefeitura anterior, tinha uma visão muito diferente do que era cultura. A gente sabe que cortou grana mesmo das Lonas, mas eu acho que isso por si só não justificava o estado que a Lona tava, faltava braço aqui, tava um lugar que parecia estar abandonado. Então foi chocante sim ver o estado em que a Lona se encontrava. (João, Equipe, Pechincha)

O que a gente mais enfrentou foi isso, esse susto na verdade, porque o processo de licitação foi durante o período de pandemia, não houve a visita aqui no espaço. Então quando a gente chegou a gente ficou tipo “caramba”, sabe? [...] Tipo, cara, não tem luz aqui dentro, a Lona está toda rasgada, chove aqui, sabe? Parece um lugar abandonado mesmo, de fato, este é um lugar abandonado, e é isso, o primeiro susto que a gente teve foi esse. Acho que o maior desafio de ver a questão de estética mesmo, de estar feio, de estar um local feio, sabe? Com essa aparência, com esse aspecto de, poxa, largado, sabe? (Ana, Equipe, Freguesia)

A fala de João em relação à “visão diferente da prefeitura anterior em relação à cultura” pode ter relação com o exposto por Vieira de Jesus e Gobo (2018), que indicam que durante o mandato do ex-prefeito Marcelo Crivella – até o momento da publicação da pesquisa –, a parte majoritária de cortes de custos realizados no campo cultural foram direcionados a manifestações que fossem conflitantes com a “moral da bancada evangélica”.

De acordo com os dados da prefeitura do Rio de Janeiro, o valor praticado antes da pandemia – R\$ 300.000,00 – precisou ser reajustado para se adequar às restrições orçamentárias que a Secretaria de Cultura vem enfrentando. A redução de R\$ 300.000,00 para R\$ 219.000,00 representa uma queda de 27% no valor dos repasses anuais.

Ao analisar as despesas do Município do Rio de Janeiro com Lonas Culturais ao longo dos anos, disponíveis na tabela 7, observou-se que, desde antes de 2020 – ano que se iniciou a pandemia do Covid-19 – já vinha ocorrendo uma queda vertiginosa nos investimentos relacionados às Lonas Culturais:

**Tabela 7 - Despesas pagas às Lonas Culturais do Rio de Janeiro de 2012 a 2021**

Ano	Projeto	Despesa Paga
2012	Implantação ou reforma de Lonas Culturais	9.335.652,88
	Gestão das Lonas Culturais	
2013	Gestão das Lonas Culturais	5.578.333,33
2014	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	5.344.166,66
2015	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	4.522.000,00
2016	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	5.975.000,00
2017	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	6.175.000,00
2018	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	4.674.447,44
2019	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	3.716.927,91
2020	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	2.970.143,80
2021	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	3.203.795,76

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos dados da Prefeitura do Rio de Janeiro

À primeira vista, a queda nas despesas com Lonas Culturais entre 2012 e 2021 já é considerável. Porém, o ano de 2012 se trata de um ano atípico, já que ocorreram implantações de novas Lonas Culturais e reformas nas previamente existentes. Apesar disso, considerando que, segundo o IBGE, a inflação entre 2012 e 2021 foi de aproximadamente 79% – utilizando o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) –, percebe-se que a queda entre 2013 e 2021 se torna ainda mais aparente, conforme a tabela 8.

**Tabela 8 - Despesas pagas às Lonas Culturais do Rio de Janeiro de 2012 a 2021, reajustadas de acordo com a inflação**

Ano	Projeto	Despesa Paga (em R\$)	Valor reajustado (em R\$) de acordo com a inflação (IPCA - Dez/2021)
2012	Implantação ou reforma de Lonas Culturais	9.335.652,88	16.785.869,93
	Gestão das Lonas Culturais		
2013	Gestão das Lonas Culturais	5.578.333,33	9.476.752,86
2014	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	5.344.166,66	8.572.259,64
2015	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	4.522.000,00	6.816.693,40
2016	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	5.975.000,00	8.138.405,40
2017	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	6.175.000,00	7.913.237,22
2018	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	4.674.447,44	5.818.781,26
2019	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	3.716.927,91	4.459.809,22
2020	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	2.970.143,80	3.416.643,74
2021	Gestão das Lonas Culturais e Arenas Cariocas	3.203.795,76	-

**Fontes:** Elaborado pela autora com base nos dados da Prefeitura do Rio de Janeiro e IBGE

Assim, é possível concluir que a percepção dos gestores em relação ao abandono da Lona poderia se tratar de uma consequência advinda do declínio das despesas com o projeto

das Lonas Culturais como um todo. Esta situação de abandono foi percebida também pelos artistas e frequentadores entrevistados, que frisam que, antes mesmo da pandemia, já vinham percebendo mudanças na Lona Cultural em diversos aspectos.

Olha, nesse período que eu fui eu não notei nenhuma mudança, foi tudo tranquilo. Mas de lá para cá os eventos sumiram, né? Sumiram. E não tô falando da pandemia, porque na pandemia realmente aconteceu [...] Antes de 2016 estava tendo muito evento, né? Tava tendo muitos shows, muitos outros tipos de eventos. Entre 2016 e 2020 isso aí praticamente caiu, caiu muito, vertiginosamente. Isso não sou só eu que tô falando, são vários colegas meus que se apresentavam nas lonas [...] Então muitas lonas ficaram abandonadas, algumas com teto furado, mal-conservadas e tudo mais, enfim. (Antônio, visitante, Tijuca)

Cara, eu acho que no início, nessa época que eu ia mais, tinha realmente mais eventos e talvez tinha um maior cuidado melhor com a Lona, sabe? Eu acho que de uns tempos para cá, mais recentes – porque eu também não fui lá desde a pandemia, né? Mas eu tenho a impressão até um pouquinho antes, assim, que ela tava um pouquinho mais abandonada, sabe? (Milena, artista/visitante, Pechincha)

Quando questionados se consideravam que estava ocorrendo um abandono da Lona Cultural, os visitantes e artistas apontaram:

Com certeza. Porque a pandemia fez com que vários lugares assim, né, fossem abandonados, não só por conta da impossibilidade de você fazer evento, por conta da quarentena, mas porque já existia um desinteresse prévio nessas áreas, né? (Alice, Visitante, Pechincha)

Sim, sem dúvidas. E aí não querendo ser partidária, mas eu vejo que não era interessante para o último governo Municipal esse desenvolvimento, tá? Então eu vejo que realmente houve um abandono tanto das Lonas quanto das Naves do Conhecimento, assim, houve realmente. (Martha, Visitante, Irajá)

Sim, obviamente, assim como a maioria dos projetos para cultura, né? Não só os pequenos, mas principalmente os pequenos, mas até grandes produções, os patrocínios estão cada vez menores, incentivo à cultura pelo governo cada vez menor, então de uma forma geral e particular, sim. (Marcos, Artista/Visitante, Pechincha)

O abandono deste equipamento não é apenas uma situação triste para os moradores e gestores, mas se trata também de algo que ativamente atrapalha a realização de eventos com bilheteria, que seriam a principal fonte de recursos para realizar melhorias na Lona. Como indicado por João:

O equipamento não está no seu melhor estado, então dificulta muito o que a gente pode ou não realizar aqui dentro. A gente tem um espaço que deveria ser fechado e chove dentro [...] Então isso dificulta muito, porque a lógica da Lona é uma lógica de ela funcionar com bilheteria, e eu não posso cobrar algo se eu não posso dar o mínimo de conforto, nem para quem assiste, nem para quem se apresenta, porque os camarins também não estão em condições ideais, entendeu? Então dificulta muito o trabalho da Lona. Então a gente tem uma verba curta, pequena, que é para pagar pessoal, e o recurso que a gente conseguiria com a bilheteria, a gente não consegue movimentar corretamente porque o espaço não está apresentável ao público. (João, Equipe, Tanque)

Ou seja, esse abandono cria então um ciclo vicioso: a Lona está abandonada e precisa de melhorias; melhorias requerem recursos; recursos são obtidos de eventos com bilheteria; a Lona não está em condições de ter eventos com bilheteria. Desta forma, uma alternativa acaba sendo investir "capital próprio" no equipamento, o que gera um risco para os gestores, como aponta Ana:

[...] os fazedores de cultura ficam muito “nós por nós” mesmo, sabe? A gente quer fazer, a gente busca fazer, aqui mesmo, vou tirar como exemplo o que a gente já fez na Lona, sabe? De meter a mão no próprio bolso e fazer, quando, cara... Se amanhã ou depois abrir o processo de licitação e a gente sair daqui, é uma mão na frente e outra atrás, sabe? Porque não é nosso, isso aqui é um equipamento público, então é totalmente responsabilidade [do governo]. A gente tem a responsabilidade sim, de cumprir com o nosso plano de trabalho, de fazer acontecer o que a gente se propôs a fazer, fazer a nossa parte. Mas isso aí deveria, né? Ser por conta deles...

Além disso, a equipe da Lona se encontra numa posição delicada entre a população, que demanda um equipamento de qualidade, e uma gestão municipal que prometeu transformar a Lona em Areninha (um "*upgrade*") até o primeiro trimestre de 2022, sem cumprir até então, de acordo com uma das gestoras do espaço:

A gente tá aí com uma promessa de que a Lona entraria em obra, para ser transformada em areninha, o formato continuaria o mesmo de lona, mudaria o material permitiria ventilação interna aqui, ar-condicionado, isso melhoraria bastante... e a previsão era para o primeiro trimestre de 2022. E agora a gente já tá quase na metade de junho e até agora nada. É só a gente aguardando, né? Tendo esperança e fê, porque é o máximo que a gente pode fazer no momento. [...] a gente já investiu muito aqui do nosso bolso, com nosso recurso, com a nossa vontade, mas a gente não previu. No plano de trabalho o valor que a gente recebe do repasse da prefeitura é para pagamento de pessoal, entendeu? [...] não tem esse valor para manutenção do espaço, o que também dada a situação da lona seria um valor absurdo, teria que ser uma coisa muito alta. Então assim, é muito difícil fazer as pessoas compreenderem isso, sabe? Que não é a gente que tem que pegar, fazer e resolver, que não tá ao nosso alcance, isso foge do que a gente pode fazer no momento. (Ana, equipe, Freguesia)

Constata-se então que a condição atual da Lona Cultural de Jacarepaguá é de precariedade, sendo esta situação percebida tanto pelos gestores, como artistas e frequentadores, e corroborada também pela análise dos dados financeiros da prefeitura do Rio de Janeiro.

#### **4.2 A Lona Cultural e o Acesso à Cultura em Jacarepaguá**

Como explicitado no capítulo 2.3 (O acesso à Cultura em Jacarepaguá), existem inúmeras particularidades na região de Jacarepaguá e diversos elementos que podem dificultar o acesso de moradores da Zona Oeste a espaços culturais no restante do Rio de Janeiro. Tendo isto como base, nos próximos tópicos exploraremos assuntos como as diferenças entre o acesso à Lona e a outros locais, a opinião dos entrevistados sobre a oferta de eventos culturais no Rio de Janeiro e o papel do Estado na descentralização da cultura.

### 4.2.1 Diferenças

Durante as entrevistas, constatou-se que todos os 12 artistas, visitantes e alunos entrevistados tiveram a oportunidade de se apresentar ou frequentar eventos similares àqueles na Lona. Tendo isso em vista, foram questionados se observaram alguma diferença no acesso a este local, em relação a custo, transporte ou horário. Alguns entrevistados que visitaram a Lona indicaram uma dificuldade de acesso aos eventos em outros locais do Rio de Janeiro, tendo queixas que incluem o valor do ingresso dos eventos, horário avançado de encerramento e dificuldade de transporte, como podemos observar abaixo:

Bem mais difícil, bem mais difícil. Porque aqui em Jacarepaguá boa parte dos eventos é feito ali na Barra ou lá para o Centro né, ou ali perto do Riocentro, que o Riocentro também tem aquele aquele Centro de Convenções lá do Riocentro. Então assim, é um acesso um pouco mais difícil. Porque a Barra geralmente, dependendo de onde você for, é um pouquinho contramão ou dependendo de onde você morar você tem que pegar BRT, ir ônibus e depois descer lá e ainda andar mais um pouco... E preço também não é exatamente muito acessível, né? (Alice, visitante, Pechincha)

Eu frequento muito Tijuca e Centro... Às vezes Zona Sul, mas nem sempre né? Porque termina muito tarde para voltar para casa, é puxado porque eu não tenho carro, uso transporte público. Então geralmente são eventos nesses bairros mesmo, Tijuca, Lapa, só que na Lapa os ingressos são mais caros, é mais dispendioso. [...] Transporte realmente é muito difícil, agora mais ainda, tá bem mais difícil, várias linhas de ônibus foram extintas, outras reduzidas e tudo mais, então é bem mais difícil... a não ser que a pessoa pegue Uber, mas Uber também tá recusando todo mundo, então... (Antônio, Visitante, Tijuca)

Os outros locais eram sempre mais caros e mais longe, tudo em volta disso era mais caro, né? Chegar lá era mais caro. Tinha isso do horário também, dependendo do lugar e da hora que acabava eu tinha que dormir em outro lugar, na casa de alguém... E aqui na Lona não tinha isso, né? Era sempre muito fácil, saía com pouco tempo de antecedência... (Milena, Artista/Visitante, Pechincha)

Os centros culturais, centros de entretenimento, estão lá mais pela zona sul e centro do Rio, então eu fui muito no teatro na zona sul, teatro no centro mesmo, para ver peças patrocinadas também, conseguem sustentar, mas que são também mais caras. [...] ambientes como a Lona são mais favoráveis na minha situação hoje em dia também (Marcos, Artista/Visitante, Pechincha)

É, na Lona por ser mais perto acaba sendo mais fácil, mais rápido e mais barato, né? Porque a gente ia de carro e o show era bem mais barato, então o acesso à lona era mais fácil e mais rápido. Daqui por exemplo da Zona Oeste é muito ruim você se deslocar, né? (Paula, Aluna/Visitante, Freguesia)

Estes depoimentos estão alinhados diretamente com os apontamentos de Suzano (2020), que discorre sobre como o transporte público precário do Rio de Janeiro impede o acesso dos moradores da Zona Oeste a espaços culturais no resto da cidade. Além disso, a fala de Alice sobre a Barra da Tijuca remete ao trabalho de Moretoni e Carneiro (2016, p. 1), onde se lê:

O bairro da Barra da Tijuca, localizado na cidade do Rio de Janeiro, apresenta espaços e atividades culturais restritas no que tange ao horizonte de manifestações culturais

contempladas. Além disso, os espaços e atividades existentes são direcionados a um público selecionado, de alto poder aquisitivo. Os espetáculos de teatro, musicais, shows, entre outras atividades culturais são oferecidos a preços fora da realidade de consumo de grande parte da população, com ingressos que muitas vezes representam mais de 40% do salário-mínimo atual.

Se tratando dos artistas que se apresentaram na Lona e em outros locais, as queixas em relação ao acesso são similares, sendo a locomoção a queixa mais comum.

Por eu ter que carregar um teclado que [fica] numa case muito grande muito pesada, eu só faço show indo de carro e me virando pra estacionar. Para mim, a Lona é tranquilo porque eu estaciono dentro e pronto, acabou, tá tudo ali. [...] Outros lugares eram mais complicados, alguns lugares o acesso era um pouco mais complicado e, enfim, tinha que parar de descarregar tudo e catar uma vaga e tal... então a Lona para mim, como eu vou de carro, é bem tranquilo. (Daniel, Artista, Copacabana)

Para mim o acesso à Lona foi muito facilitado porque eu sou de Jacarepaguá e todos esses outros lugares são muito longe para mim. Então ou era muito transporte, ou eu tinha que pegar um Uber e me saía muito caro. [...] Mas para mim [na Lona] foi muito mais fácil, tanto em questão de valor, quanto de chegar mais facilmente e tudo mais, sabe? (Milena, Artista/Visitante, Pechincha)

Eu acho que o que muda é que pelo fato da banda morar ali, praticamente todo mundo em Jacarepaguá ou redondezas acabava sendo assim, pela questão de traslado, né? O deslocamento acabava sendo mais barato e mais fácil pra gente [...] Em outros lugares que eu toquei, principalmente esses lugares que não ficam aqui na cidade, nos outros estados, outras cidades, a dificuldade da gente que é músico era principalmente o transporte, levar os equipamentos e tal. Porque a gente precisa levar um monte de trambolho, guitarra, bateria... (Tiago, Artista, Barra da Tijuca)

Quando questionados sobre diferenças nas suas experiências como *performers*, os artistas colocam o público de Jacarepaguá como um público diferenciado:

O que que eu gosto muito da Lona? é que o público que vai, e isso é uma coisa um pouco do público de Jacarepaguá, sabe muito o que que tá fazendo ali, entendeu? [...] Então existe essa coisa meio que da especialização do público, que é uma coisa que a gente não vê tanto, por exemplo, na Zona Sul, o pessoal vem mais curtir e tal [...] Então até o repertório que a gente faz é diferente, eu compararia com o [Teatro] Rival. No Rival a gente pode dar o nosso máximo, na Lona a gente pode dar o nosso máximo, no shopping a gente toca o que o público quer ver, que é diferente. [...] tem um calor do público quando tá lotado que aí não tem comparação não... aí realmente é o melhor lugar, porque o palco é baixo as pessoas ficam próximas e tá todo mundo na minha cara ali [...] Na Lona você cala a boca e o público canta, especialmente Jacarepaguá. (Daniel, artista, Copacabana)

O público, cara, o público daqui dessa vez que a gente apresentou na Lona foi uma das vezes mais legais, definitivamente, que a gente tocou aqui, sabe? (Milena, artista/visitante, Pechincha)

Tiago destaca que o diferencial da Lona Cultural era poder performar rodeado de conhecidos e amigos.

Eu acho que a maior diferença é que na Lona Cultural a gente encontrava muitas pessoas conhecidas assim... tanto artistas, pessoas que estavam ali no palco fazendo parte do espetáculo, quanto do público, né? [...] Então assim, o principal era esse, a gente sempre encontrava muitos conhecidos nos eventos que aconteciam ali. Uma outra particularidade é que a gente tinha a parte ali da “coxia”, né, do backstage, que

era uma coisa legal. Tinham uns camarins e a gente encontrava um monte de amigos que estavam tocando também no dia e é uma lembrança legal que eu tenho assim de Lona Cultural, que sempre quando tinha esses eventos ali a parte do camarim ficava atrás do palco, era bem legal a gente fazer uma resenha legal ali com os outros artistas que iam apresentaram mesmo. (Tiago, Artista, Barra da Tijuca)

Certos entrevistados indicam que a estrutura da Lona peca quando comparada a grandes teatros ou casas de show:

E a estrutura, querendo ou não, nesses do centro é melhor, na Lona não tem ar-condicionado, enfim, essas coisas que fazem diferença em alguns contextos. [...] Ah, assim, pra teatro, a questão acústica. A acústica da lona não é tão boa assim para fazer apresentação de teatro, enfim, tá no boca a boca só, né? Teria que ter uma estrutura de microfone[...] não tem uma estrutura de iluminação que nem tem um palco de teatro, por exemplo, também. Então é um pouco mais carente em estrutura mesmo. (Marcos, Artista/Visitante, Pechincha)

Assim, você tem toda questão da infraestrutura. Então um show na Lona é uma estrutura inferior, mas é uma infraestrutura de Lona [...] Mas eu acho que ela tem uma estrutura de um anfiteatro bastante interessante. (Martha, Visitante, Irajá)

Mas há alguns que apontam que a experiência muitas vezes é similar ou até mesmo melhor que em alguns locais privados.

Mas foi realmente muito bom, era muito animado, e a estrutura era muito legal também, sabe? Para o que a gente estava acostumado... É até interessante, porque a gente tocava muito em locais privados, bar e tal... E, mano, era muito pior, sabe? [...] [Em casas menores] Era bem pior, era bem pior [risada]. O Saloon 79, por exemplo, era muito pequeno, lotava muito, e não de uma forma boa, e sim porque o espaço era pequeno. Então ficava até meio desconfortável, o som não era legal, era meio se vira nos trinta sabe? O suporte não era tão bom também, o palco era muito pequeno e a minha banda é grande, então era supercomplicado (Milena, Artista/Visitante, Pechincha)

É possível concluir que os entrevistados demonstraram uma facilidade maior de acessar a Lona Cultural de Jacarepaguá – no que diz respeito a acesso físico, preço e horário – do que outros espaços culturais do Rio de Janeiro. Isto pode ser relacionado principalmente ao fato de que a maioria dos sujeitos são moradores da Zona Oeste. Apesar disso, entrevistados de outros locais do Rio de Janeiro também demonstraram facilidade de acesso à Lona de Jacarepaguá. Destaca-se também que as principais diferenças em relação à experiência dos respondentes na Lona e outros locais diz respeito ao público de Jacarepaguá e à estrutura da Lona em si.

#### 4.2.2 Motivação

O questionamento sobre motivações foi realizado principalmente com o intuito de entender o que levou as pessoas à Lona e o que as levou a outros locais. Além disso, pretende-se compreender o porquê de certos artistas aceitarem performar sem receber cachê.

As principais motivações dos frequentadores para visitar a Lona incluem: a proximidade, baixo custo, maior sensação de segurança, desejo de socializar com amigos, família e afins.

Mas era legal e eu frequentei bastante porque era perto, era rápido e era barato... é mais seguro também, né? Uma coisa perto, praticamente no seu bairro, daqui pro Pechincha é pertinho, né? E acredito que se voltasse, se voltar a ter esses shows eu ia frequentar também. (Paula, Aluna de Curso/Visitante, Pechincha)

Assim, além de ser acessível, volto a falar da questão do valor, era um programa acessível. E também o ponto de encontro com os amigos. (Martha, visitante, Irajá)

Perto, barato, consigo reunir amigos [...] Não é uma coisa tão cara, é perto aqui de casa, então tipo dá para ir a pé. Me sinto mais segura, de qualquer coisa tô a 10 minutos de casa, tranquilo... e, acho que é isso. (Carol, visitante, Tanque)

Já a razão dos visitantes para ir a outros locais se baseiam principalmente no interesse por eventos ou artistas específicos, além do desejo de prestigiar produções de alta qualidade em um espaço com uma estrutura maior.

Curiosidade, né? Porque existem algumas coisas que a Lona não tem muita estrutura para apresentar ainda, né? É um espaço muito pequeno também, então não tem muito como você fazer um evento de grande porte ali. (Alice, visitante, Pechincha)

Foi mais questão de o artista, em si, que não faz muitos shows aqui no Rio. (Carol, visitante, Tanque)

Bom, na maioria dos casos é porque também eles são muito bem-produzidos e são bons, né? [...] Então, querendo ou não, são companhias que têm mais prestígio, tem atores mais consagrados no meio do teatro, então vale. É caro, mas vale a pena ver. (Marcos, artista/visitante, Pechincha)

Em relação aos artistas que performaram de graça, alguns indicaram que aceitaram performar sem receber cachê pelo desejo de mostrar seu trabalho para mais pessoas, ou, no caso de atores, para comprovação de trabalho com o objetivo de obter seus registros.

Na época, principalmente ter um trabalho feito, que também é trabalho, mesmo não recebendo, que ajuda a montar o DRT. (Marcos, artista/visitante, Pechincha)

Eu queria muito apresentar na Lona, principalmente já mais velha, quando eu tava com uma banda. E eu tô na minha banda, que é autoral, e é muito difícil conseguir trabalho com cachê em banda autoral. Então era o que a gente estava mais acostumado, pra te falar a verdade, era apresentar de graça, e a Lona era um lugar que a gente queria super, então pra gente não tinha por que recusar. [...] Enfim, era um evento muito legal, ia ter muita gente de Jacarepaguá, era um evento que ia encher e encheu, então foi isso. (Milena, artista/visitante, Pechincha)

A gente que trabalha com isso, principalmente no início, a gente sabe que isso é uma coisa que é normal acontecer, porque você precisa de vitrine, você precisa de espaço para estar mostrando o teu trabalho, então às vezes você abre mão desse cachê. [...] Então tem esse lance, essa parte de querer mostrar o seu trabalho, mas tem também a coisa de estar tocando ali perto de casa, no local que a gente cresceu, que é Jacarepaguá e estão muitos amigos por ali. (Tiago, artista, Barra da Tijuca)

Já outros artistas apontaram que performaram de graça para auxiliar amigos.

Era uma companhia em que a tia [de uma amiga] era líder da companhia e tal, era entre amigos, tava o [meu irmão] também, precisavam de mais um aí eu fui... foi mais um negócio entre amigos. [...] Foi mais para completar com os meus amigos e tal e um trabalho com a galera, não teve motivação financeira, não teve nada do tipo entendeu? (Carlos, artista/aluno de curso/visitante, Tanque)

### 4.2.3 Visões sobre o acesso à cultura no Rio de Janeiro

A pergunta “você considera que as pessoas teriam acesso a eventos similares aos da Lona caso ela não existisse?” foi feita a todos os grupos de entrevistados, e as respostas obtidas giram em torno de alguns tópicos principais: poder econômico, deslocamento, relevância da Lona e baixa oferta de cultura em Jacarepaguá.

Se tratando de poder econômico, alguns entrevistados apontam isso como um dos principais motivos que impediria as pessoas de frequentarem outros eventos caso a Lona não existisse.

Acho que não. Apesar da gente saber que já é um bairro que você tem várias várias dimensões econômicas, digamos assim, né? A gente não pode tirar, muitas vezes, o cara que mora num condomínio fechado com todas as possibilidades e privilégios, do cara que mora lá para dentro da Covanca. [...] Eu acho que sim, eu acho que se esses cursos e esse desenvolvimento profissional, dificilmente esse cara teria acesso, não só às apresentações e shows como aos cursos também. (Martha, visitante, Irajá)

Não, acho que a maioria que tá ali no momento não poderia ou pagar ou sair dali, né? Por que a questão financeira afeta muito né? Eu acho que não, acho que as pessoas que estão ali não poderiam fazer isso de outra maneira não. Às vezes não é nem a mensalidade, às vezes é o deslocamento... pessoas que não podem ficar longe de casa por muito tempo, deixa o filho na escola, vai ali e volta para pegar o filho na escola, ou então tem uma mãe doente em casa que tem que cuidar, né? Então assim eu acredito que não. (Paula, visitante, Freguesia)

Como mencionado por Paula, algo que impediria o acesso a outros locais – além do poder aquisitivo – seria o deslocamento. Da mesma forma, Marcos também aborda a questão do deslocamento:

Talvez não, primeiro também pela acessibilidade financeira, né? Também tem uma questão local, de espaço, né? Ter um espaço de entretenimento em Jacarepaguá, enfim... Pelo menos na região do Tanque, Pechincha e um pouco da Taquara, porque são deslocamentos, né? [...] ter uma coisa geográfica perto também é importante. [...] tem esses 2 fatores que eu acho importante sim a lona estar lá.

Certos entrevistados mencionam como a Lona é um equipamento conhecido na região, tendo assim um “peso”, certo renome. Desta forma, indicam que as pessoas poderiam até ter acesso a eventos similares, mas não em locais com tanta relevância quanto a Lona – e nem na região de Jacarepaguá.

Aqui na região de Jacarepaguá, não. Aqui pela região acredito que não. Assim, no tamanho da proporção que a Lona pode - poderia, né? Se tivesse em um bom estado de funcionamento - não, na região de Jacarepaguá, não que eu tenha conhecimento.

Assim, com a visibilidade da Lona, né? De uma Lona Cultural e da Lona Cultural específica que a gente tá falando daqui, da Jacob do Bandolim, não. (Ana, Equipe, Freguesia)

Eu acho que não, porque a gente tem poucos lugares assim de Jacarepaguá, então o outro o único lugar que eu conheço é essa Casa Cultural que já existia faz tempo, só que eu nunca conhecia por falta de divulgação, né? Então eu acredito que não. A Lona pelo menos ela é mais conhecida, né, de certo modo. (Joana, visitante, Pechincha)

Carlos demonstrou uma perspectiva interessante, abordando o ponto de vista específico dos artistas:

O público eu creio que sim, seria mais difícil acesso e seria com menos frequência, mas conseguiria sim, caso fosse o interesse da pessoa, lógico. Mas pro artista acho que seria muito mais difícil conseguir alguma coisa se não fosse pela Lona, porque a Lona é uma vitrine, é um lugar onde ele pode ser visto e, voltando, o que o artista precisa é ser visto para ser chamado para novos trabalhos. [...] Então para o público, eu acho sim que seria sem nenhum absurdo de esforço, para o artista é muito mais difícil.

Um segundo tópico presente nas respostas de Marcos, Ana e Joana foi a baixa oferta cultural na região de Jacarepaguá, que também foi abordado por outros entrevistados:

Olha, acho que sim. Mas não da mesma forma, né? Não com a mesma facilidade, não com o mesmo acesso, mas acho que encontrariam. [...] Talvez não em Jacarepaguá. (Milena, artista/visitante, Pechincha)

A limitação ela seria ainda maior, né? [...] Então assim, se não existissem as Lonas e Arenas como equipamentos formais, que eu vejo como equipamentos fundamentais para ancorar a cena cultural de um território, de uma região, certamente a limitação seria maior, a limitação de acesso a esses bens, a esses simbólicos seria muito maior. (Leandro, equipe (voluntário), Maricá)

Não, acho que Jacarepaguá é um lugar que é carente de espaços de Cultura, a Zona Oeste em geral, né? [...] uma casa de show, um palco, faz diferença, e a gente não tem muitos, né? Eu posso pensar de cabeça assim que Marechal Hermes, que é um bairro pequeno, tem um teatro, Madureira tem espaço de cultura, lugares da Zona Norte tem mais lugares de cultura do que aqui. (João, equipe, Freguesia)

Ao mencionar o tópico baixa oferta cultural, é possível introduzir as respostas dos entrevistados à pergunta “Você considera que existe uma diferença na oferta de eventos em Jacarepaguá, comparado a outros locais do Rio?”

Eu acho que sim [...] Tipo, eu acho que quando a gente pensa em cultura aqui no Rio a gente coloca muito para esses lugares tipo Centro, porque lá tem museu etc. Então acho que né, tem essa questão de realmente o mais longe ser o mais valorizado, assim. (Joana, visitante, Pechincha)

Sinto, sinto. Eu acho que a oferta desses eventos em Jacarepaguá é muito pouca, comparado ao resto do Rio de Janeiro. A gente pega aqui como exemplo Zona Sul, tá? [...] se você comparar com o Jacarepaguá é uma coisa triste. Para mim isso não tem explicação lógica nenhuma, porque Jacarepaguá é uma área gigantesca, com uma população gigantesca e que tá ali sedenta por esses eventos, não é? Tanto é que essas pessoas que moram em Jacarepaguá, elas se deslocam pra Zona Sul, pra Barra, né, para estarem apreciando esses eventos. Então acho que deveria ter muito mais ali, né? Não só na Lona cultural, mas em outras... Assim, deveriam ter outros locais para ter

isso, né? [...] Jacarepaguá tem potencial para ter muito mais eventos culturais do que tem. (Tiago, artista, Barra da Tijuca)

Assim como Joana e Tiago, a maior parte dos entrevistados concluíram que a oferta de eventos culturais em Jacarepaguá é muito baixa quando comparada à de outros locais do Rio de Janeiro. De acordo com os achados da pesquisa de Dantas (2016), Cazelli e Franco (2006), a quantidade de espaços públicos culturais na Zona Oeste é a menor de todo o município do Rio de Janeiro, apesar de compreender uma grande parte da área geográfica da cidade.

Contudo, alguns entrevistados apontaram que, apesar de Jacarepaguá ter uma oferta tímida de cultura, ainda está em uma situação melhor que algumas áreas da Zona Norte:

A gente tá voltando de uma pós pandemia, mas considerando o que eu conheço da cidade e ofertas de bens culturais, se a gente começar a fazer aquela divisão de o que é a cultura, o que é arte e o que é entretenimento você vê que Jacarepaguá nem está tão mal servido assim comparando com outros bairros das periferias da cidade. Jacarepaguá é uma região grande demais, né? Tem diversas realidades, tem comunidades famosas como a Cidade de Deus e algumas outras regiões, Jacarepaguá hoje lida com territórios dominados pelo poder paralelo armado, que é a milícia e tudo. [...] Comparando com Zona Norte, com as limitações de mobilidade que a gente tem na nossa cidade hoje, Jacarepaguá tem uma oferta de ambientes culturais muito tímida, mas ainda consegue ser melhor do que a maior parte zona periférica da cidade, considerando AP 3, 4 e 5. Não pode nem de perto falar que é o ideal, mas acaba que a situação é tão ruim, tão ruim, que Jacarepaguá consegue se ver numa condição melhor do que outras regiões da cidade. (Leandro, equipe [voluntário], Maricá)

Depende do local que a gente está falando, né? Acho que assim, no centro, Zona Sul, a oferta é enorme, gigante. Você tem evento que você consegue acessar gratuitamente, pagando, com bilheteria, eventos de todas as diferentes linguagens, aqui já não seria assim com essa variedade, com essa com essa intensidade. Mas aí também se a gente for comparar em regiões mais afastadas do Centro, subúrbio, Zona Norte, periferias, aí Jacarepaguá a oferta é um pouco maior, né? Acho que varia muito, é muito grande essa diferença que a gente encontra na Cidade do Rio, tem locais que você encontra de tudo e tem lugares que você não encontra de nada, sabe? É muito complicado. E aqui na região de Jacarepaguá, eu acho que essa oferta poderia e deveria ser maior, por ser uma região enorme, né? Jacarepaguá é grande pra caramba. Então assim, eu acho que poderia, tem como, é só uma questão de estratégia, desse olhar mais cuidadoso para a cultura, para fazedores de cultura, que a gente tem muito, uma infinidade de projetos e afins. Acho que é mais uma questão mesmo de melhorar essa estratégia, de fazer acontecer, né? De realização. (Ana, equipe, Freguesia)

Esta percepção pode se dar pela experiência prévia dos membros da equipe como gestores de equipamentos culturais na Zona Norte do Rio. As falas desses entrevistados estão em concordância com os apontamos de Suzano (2020), que indica que tanto a Zona Norte, quanto a Zona Oeste, estão distantes dos aspectos que tornam a cidade do Rio de Janeiro em um “polo cultural”, assim como exposto na introdução desta atual pesquisa. Cabe ressaltar que tanto a Zona Oeste quanto a Zona Norte possuem distinções internas nas realidades de seus bairros. Comparar Jacarepaguá à Bangu, na Zona Oeste, e a Pavuna à Tijuca, na Zona Norte, por exemplo, demonstrará que existem diferenças em vários aspectos para além do acesso à cultura.

#### 4.2.4 O Papel governamental no acesso à cultura

Quando questionados sobre se é responsabilidade do governo compensar os desequilíbrios na oferta de cultura no Rio de Janeiro, alguns entrevistados indicaram que oferecer acesso à cultura é sim uma responsabilidade estatal:

Ah totalmente. É isso, como eu já disse, é uma questão mesmo desse olhar, sabe? De entender da importância, da relevância, e trabalhar melhor nisso. Implantar políticas públicas que proporcionam, que podem fazer as pessoas terem acesso e darem acesso, sabe? Acho que é isso. (Ana, equipe, Freguesia)

Com certeza, com certeza. Oferta de cultura, criar condições para que as pessoas tenham opções culturais, isso é uma necessidade, uma obrigação dos governos, né? Prefeitura principalmente, mas os governos do Estado e governo Federal também, né? Quando você diminui os incentivos fiscais, você diminui a possibilidade de oferta, né? Que é uma coisa que cabe mais ao governo federal como um todo, né? E quando você diminui os espaços de show, que são mais uma responsabilidade da prefeitura, você também diminui a possibilidade, né? Eu acho que você tem que ter locais espalhados por todo canto para todo tipo de manifestação artística, não só para aquelas que já são consagradas. (Daniel, artista, Copacabana)

Acredito sim que é uma responsabilidade do Estado compensar isso, para dar acesso às pessoas, para dar entretenimento, sabe? Que vai além só do acesso à cultura, mas de ter o que fazer, sabe? Além de sentar no bar (Milena, artista, Pechincha)

Destaca-se aqui uma parte da fala de Daniel: “Eu acho que você tem que ter locais espalhados por todo canto para todo tipo de manifestação artística, não só para aquelas que já são consagradas.”, além de uma fala de Antônio:

O poder tem que mostrar tem que dar esse incentivo, se não a pessoa vai ficar só consumindo aquela coisa do *mainstream*, então não vai poder abrir a mente, abrir a cabeça para conhecer não só para conhecer novos artistas, mas como também para ouvir, para ver shows da galera da Velha Guarda.

A visão desses entrevistados em relação ao papel do governo na oferta de cultura remete ao exposto por Júnior (2010), que indica que políticas culturais devem ter como objetivo dar acesso a diversos tipos de obras culturais, para que as pessoas tenham a possibilidade de contemplar aquilo que lhes interessa, não sendo condicionadas apenas a consumir o que lhes é disponibilizado.

Outros sujeitos apontaram que esta responsabilidade não deveria ser exclusivamente do Estado, mas também dos agentes privados da economia:

Acredito que sim, eu acredito que sim. Mas assim, eu não vou botar só o governamental não, na verdade eu acho que tem que ser uma parceria realmente público-privada. Porque há de se ter um interesse do privado também e o investimento do público, tá? Porque a gente sabe que o privado sozinho não vai se sustentar, né? Mas quem tem que fomentar um pouco isso é o público, até para poder dar esse subsídio para o privado, né? (Martha, visitante, Irajá)

Lógico, claro, óbvio, com certeza. Não impede que nenhuma entidade privada que explore a região traga esse tipo de cultura, de entretenimento, não impede, né? [...] A

gente não precisa contar e esperar que o poder público faça tudo, né? Tem várias indústrias, várias empresas que ganharam uma grana explorando a Zona Oeste né? [...] É muito fácil também você ficar só cobrando “ah, o poder público não faz” e essa galera que ganha uma grana lá, construindo um prédio lá na Barra, no recreio? Não faz nada. Poxa, gente, podia fazer alguma coisa para região, né? (Paula, aluna/visitante, Freguesia)

Essa perspectiva remete aos apontamentos de Miranda, Rocha e Egler (2014) sobre as mudanças das políticas públicas culturais brasileiras desde 1990. Segundo as autoras, de 1990 a 2002, o Brasil passou a adotar um modelo neoliberal nos projetos culturais, estabelecendo diversas parcerias público-privadas no setor da cultura e estimulando o financiamento de projetos culturais por parte de detentores de capital privado, o que trouxe uma distribuição desigual de projetos culturais ao redor do país.

Carlos indica que, além de meramente dar espaços culturais, é preciso que o governo dê aquilo que as pessoas têm interesse de consumir:

Cara, eu acho que seria não uma responsabilidade compensar [desequilíbrios na oferta de cultura], mas estimular, tá? Porque não adianta de nada se o Estado quiser estimular, a respeito da Lona não sei se ele faz ou não, se o público não tiver interesse. Eu acho que é um dever dele sim estimular, mas se não tiver público, não tem por que o poder público investir muito a respeito. [...] Se a pessoa tem interesse na Lona Cultural para ver show, não tem por que ele fica botando peça de teatro, estimulando muita peça de teatro... (Carlos, artista/aluno/visitante, Tanque)

Leandro indica que é responsabilidade estatal oferecer acesso à cultura, para instaurar nas pessoas um gosto pela cultura, principalmente por meio da escola, e chama atenção para a necessidade de ter equipamentos culturais em áreas periféricas:

Meu pensamento sempre vai ser que a responsabilidade toda sobre o indivíduo é do Estado, né? Então é uma responsabilidade governamental sim. O estado tem que oferecer, no caso a Municipalidade, nas escolas, na mais tenra idade a criança tem que começar a passar por esse processo de formação. [...] A criança precisa começar a ter esse contato, não só com a cultura e a arte, mas com o esporte também, dentro das escolas [...] A gente precisa ter galerias de artes visuais na periferia, os artistas periféricos precisam ter esse primeiro contato de expor os seus trabalhos em equipamentos com condições, com capacidade técnica, próximos às suas residências, isso interfere diretamente na sociedade que nós somos, interfere diretamente na cidade que o Rio de Janeiro é.

Similarmente, Joana também aborda a importância do acesso à cultura nas escolas:

Eu acredito que sim [é responsabilidade estatal compensar desequilíbrios na oferta de cultura]. Agora falando como professora: pra você formar um cidadão, existem algumas coisas básicas que uma pessoa tem que ter acesso e uma delas é o acesso à cultura, né? Então é o acesso a diferentes manifestações de arte. Então assim, como professora, por mais que a gente tente fazer isso na escola, quando você tira responsabilidade do governo de fazer isso, como é que você faz isso, né? Porque geralmente se você não tem lugares que são entrada franca para essas pessoas irem, que a maioria da população, então você coloca ali a cultura só acessível a uma parcelinha da população, né?

Essa perspectiva se atrela principalmente à questão abordada por Gomes (2020), que indica a importância do acúmulo de capital cultural pelos indivíduos, obtido principalmente

graças ao acesso a eventos culturais, aulas, oficinas, cursos e afins. É preciso que as pessoas tenham acesso e conheçam a cultura para poderem apreciá-la completamente, o que remete também a outra questão apontada pela literatura: “Muitas vezes não é que uma sociedade não admira determinado tipo de cultura, mas sim que não a conhece.” (JÚNIOR, 2010, p. 159)

As opiniões dos entrevistados a respeito do papel do Estado na oferta de cultura também podem remeter aos papéis que os equipamentos culturais exercem dentro de uma cidade, de acordo com a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro:

O primeiro papel é a inclusão desse povo na cadeia produtiva da cultura [...] Em segundo lugar, a função de ancorar, em determinada região da cidade, um elenco de atividade e de circulação de bens simbólicos com poder aglutinador de pessoas. [...] Outro papel importante é contribuir no processo de maturação profissional da classe artística, abrindo oportunidades para o fazedor cultural apresentar seu trabalho com as mesmas perspectivas de dignidade que artistas de áreas nobres da cidade. [...] Esta experiência profissional resulta também no amadurecimento artístico e passa a influenciar a formação de plateias para o usufruto duradouro de bens simbólicos.<sup>14</sup>

Assim como alguns entrevistados, é possível observar que a SMC também destaca a importância de equipamentos culturais públicos na formação de público, indicando que, quanto mais habituadas a consumir diversos tipos de arte, mais as pessoas vão desejar buscar novos tipos de conhecimentos e frequentar diversos tipos de estabelecimentos culturais.

### **4.3 A influência da Lona Cultural de Jacarepaguá**

Para este último tópico, serão abordados temas interligados diretamente ao objetivo principal desta pesquisa, como a influência da Lona nos frequentadores e artistas, a importância da Lona e da cultura.

Claro, pode parecer pitoresco escrever um trabalho sobre a importância da Lona e perguntar diretamente sobre a importância dela para os entrevistados, mas os achados foram de grande relevância para a pesquisa. No fim das contas, a construção de todo este capítulo de análise culmina neste último tópico, e tudo aquilo explorado anteriormente é crucial para determinar a influência da Lona dentro do contexto cultural e geográfico do Rio de Janeiro e, em especial, de Jacarepaguá.

---

<sup>14</sup> referenciar a o edital de chamamento

### 4.3.1 Influência da Lona sobre os frequentadores

Quando os frequentadores da Lona foram questionados sobre a influência dela neles próprios, grande parte mencionou que os shows e eventos tiveram impacto sobre eles por terem tido a companhia de seus amigos e família.

Era realmente muito bom de estar, eu podia estar com pessoas próximas de mim que não estariam em outros lugares, como a minha família, por exemplo. É isso, sempre me deixou com uma visão muito legal da Lona, sabe? Com vontade sempre de voltar lá, de recomendar e tal. (Milena, visitante/artista, Pechincha)

Teve, teve sim. [...] quando acontecia alguma coisa, algum show, algum evento, era quase sempre ali na Lona, então foi um lugar que durante muitos anos eu usei para me reunir com as pessoas, né? [...] Então, sim afetou bastante, né? De forma positiva, e por muitos anos aquilo ali foi o *point* ali da galera. A gente ficou lá se reunindo, tal. (Alice, visitante, Pechincha)

Com certeza, não tem evento artístico que não me impacte, né? [...] Mas foi um impacto muito grande, foi inesquecível assim... Porque, no meu caso, foi ver meu [membro da família] ali no palco, e ver ele ali realizando um sonho, carregado daquela emoção toda, ver várias bandas maravilhosas se apresentando e é isso... (Antônio, visitante, Tijuca)

Outros entrevistados indicaram que ter acesso aos eventos da Lona foi importante para o seu desenvolvimento pessoal e cultural:

Sim, sem dúvidas. Desenvolver a cultura individual, que eu tinha falado anteriormente, é ouvir pessoas de outros lugares, e embora seja uma diferença geográfica dentro da minha própria cidade, vai ser uma realidade diferente. E aí é eu me dispor a ouvir outras realidades que não só a minha, entendeu? Então isso, sem dúvida nenhuma, modificou muito a minha a minha personalidade assim, entendeu? Mudou, melhor dizendo, mudou muito a minha personalidade. (Martha, visitante, Irajá)

Eu diria que sim, principalmente o de dança, porque [...] foi o primeiro evento de dança que eu vi de dançarino profissional e tal, ao vivo, legal. E o de rock até que também, porque [...] eu nunca fui a um concerto de grandes artistas [...] Mas poder ver no palco lá, a entrada a um preço acessível e o som tava legal, tinha um agito do caramba [...] Então foi a primeira vez que eu fui num [show], foi bem legal, foi bem legal. (Marcos, visitante/artista, Pechincha)

Sempre, né? Sempre... Cultura, diversão, a cultura, arte sempre impacta a gente [...] E eu lembro que eu ia com a minha filha em teatrinho infantil, que é uma maneira de trazer essa nova vertente para criança. [...] Então quando você introduz uma nova maneira de arte, de entretenimento, né? Então impacta nesse sentido, né? É cultura, é diversão, é entretenimento. (Paula, visitante/aluna de curso, Freguesia)

Todos os participantes foram questionados sobre sua percepção em relação à influência da Lona Cultural sobre frequentadores, fora de suas experiências pessoais.

Eu acho que sim, porque ali é um espaço democrático, né? Ou seja, todo mundo tem acesso, todo mundo ali de Jacarepaguá. Eu acho que os públicos ali, eles são diversos, entendeu? Acho que são pessoas mais humildes, pessoas de uma classe mais favorável, financeiramente falando, enfim, rola assim. [...] E eu acho que tem um impacto positivo nas pessoas principalmente quem é da área de Jacarepaguá, quem mora por ali, né? (Tiago, artista, Barra da Tijuca)

Sim, porque aproxima o público do artista, aproxima o público da cultura porque não são só eventos musicais, né? Tem outros tipos de evento, que até envolve até artesanato, outras formas de expressão... Não só com esses artistas que estão iniciando, como artistas consagrados, né? (Antônio, visitante, Tijuca)

A Lona ela tem esse papel fundamental de tanto servir de primeiro contato - muitas crianças têm o primeiro contato com essa realidade da produção cultural, com um espetáculo profissional, um espetáculo estruturado e daí a importância do equipamento ter uma estrutura que permita que você tenha bons espetáculos, boas apresentações (Leandro, equipe (voluntário), Maricá)

Desta forma, podemos destacar que a influência da Lona Cultural de Jacarepaguá sobre os frequentadores se dá de duas formas principais: meio de socialização e local de acesso à cultura. A Lona se demonstrou importante para que os frequentadores pudessem ter acesso a eventos de baixo custo e de fácil acesso, possibilitando a confraternização com amigos e família. Além disso, como exposto por Marcos e Leandro, por vezes a Lona é o primeiro local em que as pessoas têm contato com certas obras e linguagens artísticas.

#### **4.3.2 Influência da Lona sobre os artistas**

Todos os entrevistados foram questionados sobre qual consideram que seja a influência da Lona Cultural sobre os artistas locais. As respostas obtidas indicam que a Lona é percebida como um local importante para ajudar artistas pequenos a mostrarem seu trabalho e ganharem maior notoriedade.

Tem, tem impacto sim. Principalmente porque, assim, até questão de desenvolvimento cultural mesmo, né? Porque quando você tem essa falta de espaços culturais, não só você para de consumir cultura como você para de produzir. [...] Cara, qualquer banda que comece em Jacarepaguá, ela vai querer tocar na Lona, porque é o único lugar que a gente tem. E aí depois que ela vai começar a querer ir para outros lugares [...] Então assim, acaba meio que sendo um empurrãozinho, sabe? para quem quer começar. (Alice, visitante, Pechincha)

Tem como um artista que tá iniciando se apresentar lá, e o artista ele precisa de espaço para ser visto, para ele seguir a carreira dele ele precisa ser visto e se apresentar algum canto, senão de nada adianta. Além de dar acesso à cultura para as pessoas que moram nas redondezas, ela principalmente permite o artista fazer o trabalho dele. Ajuda muito mais as pessoas? Ajuda. Mas eu vejo muito mais pro lado do artista, ajudando ele, porque eu sei que é [muito] complicado conseguir alguma coisa no meio. (Carlos, visitante/artista/aluno, Tanque)

Leandro chama atenção para a importância da Lona como uma forma de descentralizar a produção artística, permitindo que artistas periféricos possam se especializar e apresentar suas obras:

Sim, tem, total. [...] esses equipamentos eles são fundamentais para a formação de plateia, para a fruição da produção cultural e artística da periferia, que inclusive é um debate delicado [...] É importante a gente colocar sempre essa questão: que na periferia se produz arte sim, existe uma apropriação sobre esse termo, existe um elitismo muito grande lançado, né? Eu costumo dizer na minha militância cultural que a nossa luta é

para desapropriar o capital que foi sequestrado por quem tem o poder econômico, as pessoas que pertencem ao estrato privilegiado da sociedade, por terem acesso, pensam que dominam esse conhecimento, que dominam esse fazer, que eles dominam algumas linguagens, sobretudo as artes visuais, né? [...] Então as Lona e Arenas elas têm papel fundamental nesse cenário de quebrar esses estereótipos, de romper com essas limitações estéticas, de romper com essas barreiras e de tomar de volta todo esse capital, tomar de volta toda essa potência, para que a gente tenha de fato uma cena cultural inclusiva, uma cena artística que pertença a toda a população, que pertença a toda a cidade, produzida por toda a cidade, né? (Leandro, equipe (voluntário), Maricá)

Já os artistas entrevistados deram respostas consideravelmente diversas, mas num geral positivas sobre suas experiências se apresentando na Lona.

Ah, eu acho o espaço ali interessante [...] Mas eu acho que apresentar em locais públicos [...] é sempre um negócio que renova mais a gente quanto artista também, porque é um público que, no geral, como não tem muito acesso às vezes é mais animado também, às vezes responde mais às provocações que são feitas, enfim. Então é sempre uma coisa mais engrandecedora, de certa forma, então é uma experiência boa assim, de Lona, espaços públicos. (Marcos, artista/visitante, Pechincha)

Teve [impacto], eu fiquei muito feliz, com certeza. Muito feliz de ser perto da minha casa, muito feliz com a acessibilidade das pessoas que eu convivo, de poder ter ido me assistir, porque muita gente tinha muita vontade de me assistir, mas era sempre muito longe, e enfim, esses meus amigos que são de Jacarepaguá, né? Puderam ir em quantidade e foi realmente incrível, me senti muito acolhida e realmente dava muita vontade de voltar lá de tocar lá outras vezes. (Milena, artista/visitante, Pechincha)

Eu acho que sim [teve impacto]. Porque, pelo que eu me recordo, ali foi o primeiro show que eu fiz num local maior assim... não parece, mas a Lona é muito grande e o palco é muito grande. Então eu me lembro do choque, assim, que foi tocar ali pela primeira vez, principalmente pelo palco, o palco era muito grande pra mim, que nunca tinha feito show, nunca tinha me apresentado num palco tão grande e isso foi um choque... Mas foi muito legal, eu lembro que eu me diverti bastante. [...] a gente criou um laço muito legal com a Lona, de fazer muito shows ali, então a gente acabou criando muito público ali também. (Tiago, artista, Barra da Tijuca)

Adicionalmente, Tiago destaca:

Eu lembro que no início da [banda] a gente almejava tocar ali, porque era uma coisa que, ah, todas as bandas que surgiram na região tocavam, os nossos amigos iam ali, a gente via as coisas acontecendo, então a gente almejava tá ali...E só esse sentimento de você almejar tá ali já é importante, entendeu? Para você dar um passo inicial, para você colocar a frente algum projeto.

Alguns destacaram a importância da Lona como um local para artistas independentes mostrarem seu trabalho, principalmente para aqueles que mais podem lhe apoiar: seus amigos e familiares que moram próximo a eles. Como visto no capítulo 4.2.2, os artistas demonstraram grande felicidade em performar na presença de amigos, consideraram que isso faz uma diferença em suas experiências. Além disso, ressaltado por Tiago, performar na Lona por vezes é a primeira oportunidade que artistas têm de se apresentar em um grande palco.

### 4.3.3 Importância da Lona Cultural

Em relação à importância da Lona Cultural de Jacarepaguá, todos os entrevistados consideram que ela é de suma importância, em diversos aspectos. Alice e Milena, por exemplo, chamam atenção para a questão da acessibilidade e para a baixa quantidade de equipamentos culturais em Jacarepaguá:

Eu acho que é um lugar bem acessível e é bem importante aqui para Jacarepaguá, né? Porque aqui a gente tem essa carência de espaço cultural, a gente tem muita coisa aqui, mas o espaço cultural é muito raro. [...] Então a Lona, assim, ela é boa mais para reunir, pra trazer a cultura, principalmente para pessoas que não têm como fazer esse acesso lá na Barra, no centro né? Porque ainda existe uma falta de interesse em investir nesse tipo de evento aqui. (Alice, visitante, Pechincha)

Sim, sim, sim, com certeza [é importante] [...] Porque facilita muito o acesso das pessoas de Jacarepaguá, a gente já é conhecido como fim do mundo do Rio de Janeiro, sabe? É difícil pra gente ter qualquer acesso perto de casa a shows, sabe? Até show dos amigos mesmo, e a Lona permitia isso [...] só a Lona também é complicado, mas se não tiver Lona, meu Deus do céu, não tem nada! Então com certeza é muito importante. (Milena, artista/visitante, Pechincha)

Já Martha destaca o potencial da Lona como meio de desenvolvimento profissional e social dos frequentadores e artistas:

Sim, bastante, sem dúvidas. Como eu falei, eu vejo como meio de acesso, sabe? E não só um meio de acesso cultural efetivamente, artístico-cultural, vamos botar nesse termo, né? Mas também eu vejo como desenvolvimento profissional, um movimento de desenvolvimento social, porque você dá acesso para pessoas que de repente não iriam assistir ou de repente não teriam como dispor daquela monetização em outro local, entendeu? [...] Eu acho que realmente é esse desenvolvimento, entendeu, né? Você dá essa acessibilidade para a comunidade. (Martha, visitante, Irajá)

A fala de Martha e a afirmação de Tiago podem remeter a um tópico abordado por Suzano (2020):

Com certeza é muito importante ter a Lona, porque muitas dessas pessoas não vão ter acesso, ou possam vir a ter acesso, mas a Lona é uma porta de entrada, entendeu? É um *start* importante, porque a pessoa tá vendo ali- você almeja aquilo que você vê, não é? E para quem mora ali, você tá sempre vendo a Lona, você sempre vendo a Lona dando shows, eventos, né? (Tiago, artista, Barra da Tijuca)

Há ainda uma terceira forma de distanciamento, esta se encontra no conteúdo da obra, exposições que não criam nem tipo de relação com seu espectador comum, obras de arte que não podem ser compreendidas apenas pelo olhar, sendo necessária a uma formação prévia, uma bagagem artística e conceitual, para que possa enfim ser compreendida. (SUZANO, 2020, p. 7)

Quando Tiago afirma que “você almeja aquilo que você vê”, é possível criar um paralelo com o exposto por Suzano, já que a exposição à arte por intermédio da Lona pode ser uma das formas de obter o capital cultural necessário para a melhor compreensão de obras artísticas. De uma forma similar, Paula indica:

[A Lona é] muito, muito importante. Acredito até que é um espaço que poderia ser explorado de outras maneiras, né? De todas as formas possíveis que você pode trazer arte, cultura, entendimento para aquela região, para as pessoas daquela comunidade. Aliás esse é o objetivo: “Lona Cultural”, né? Então você pode atingir aquele público de várias maneiras, né?

Daniel, Leandro e Ana destacam a importância das Lonas Culturais e também comentam sobre investimentos e questões estruturais:

Muito, extremamente... extremamente. E dói muito quando uma Lona fecha por algum problema técnico ou por falta de investimento (Daniel, artista, Copacabana)

Sim, é fundamental a existência das Lonas, é fundamental. [...] O ideal é que se passe por um processo de reformulação, como foi o processo de transformação de algumas Lonas em Areninha como já está previsto para acontecer aqui, e que cada vez mais, com os recursos que existem hoje em dia, se busquem formas de melhorar a infraestrutura desses equipamentos [...] é fundamental, as Lonas são equipamentos fundamentais. Na verdade todo equipamento cultural de periferia é fundamental. As Lonas são importantes e devem existir mais projetos com uma formatação de Lona, e toda e qualquer possibilidade de surgimento de um equipamento cultural na periferia tem que ser apoiada pela Municipalidade e abraçada pela população. (Leandro, equipe (voluntário), Maricá)

Com certeza, com certeza. Você vê em todas as outras Lonas, como eu disse, não é privilégio daqui da Lona de Jacarepaguá, todo lugar que você vai que tem uma Lona, é de conhecimento geral, sabe? Todo mundo sabe da existência daquela Lona, todo mundo já foi naquela Lona um dia, pelo menos uma vez. Acho que o projeto de Lonas, Arena e Areninhas é uma coisa muito grandiosa, sabe? Com um potencial gigantesco. Acho que é disso aí mesmo, desse cuidado, dessa atenção ali, desse investimento, né? Aquilo ali é fundamental e é muito necessário, sabe? É muito importante. (Ana, equipe, Freguesia)

As respostas dos entrevistados demonstram que a Lona Cultural Jacob do Bandolim se tratando de um espaço de importante para a região de Jacarepaguá, que, como explorado ao longo deste trabalho – e reiterado pelos entrevistados – como o restante da Zona Oeste, é uma região carente de aparelhos culturais, que sofre com dificuldades de acesso a outras áreas da cidade do Rio de Janeiro por conta do transporte público precário.

Em um momento de sua entrevista, Alice aponta:

Assim, eu acho que uma coisa que atrapalha bastante na disseminação de cultura aqui é porque os poucos lugares onde você tem esse reduto cultural esse espaço mais... um espaço que não seja puramente comercial, um shopping da vida, né?

Queixas similares podem ser percebidas em uma resposta de Milena: “para dar entretenimento, sabe? Que vai além só do acesso à cultura, mas de ter o que fazer, sabe? Além de sentar no bar”; e de Martha: “Ou você senta em vários bares, que é o que se tem em Jacarepaguá de montes, para beber ao som de Pagode, Samba, Funk, sofrência e outras coisas, né? Ou então você tem que sair de Jacarepaguá.”.

Peres e Melo (2006), quase duas décadas atrás, já discorreram sobre a privatização das vivências cotidianas e dos eventos culturais, indicando que cada vez mais as pessoas passaram a mediar suas interações sociais através da tecnologia e a frequentar eventos culturais em locais privados. Desta forma, além da Lona se demonstrar um aparelho importante para democratizar o acesso à cultura na região de Jacarepaguá, ela também se trata de um local que possibilita entretenimento, socialização e lazer gratuitos.

Por fim, cabe indicar que os dados encontrados sobre a importância da Lona Cultural de Jacarepaguá estão alinhados àqueles encontrados na pesquisa de Silva (2019), que constatou que as Lonas, Arenas e Areninhas culturais são, num geral, equipamentos de grande importância para o acesso à cultura e para a descentralização dos equipamentos e eventos culturais para além do núcleo Zona Sul-Centro na cidade do Rio de Janeiro. Estes achados também remetem à perspectiva da Secretaria Municipal de Cultura, que coloca o projeto das Lonas Culturais como “um instrumento de transformação social [...] tendo como foco a política municipal de cultura, cuja meta é a descentralização da produção artística”<sup>15</sup>.

#### 4.3.4 Importância da Cultura

Por fim, todos os entrevistados foram questionados sobre se consideram que a cultura seja importante para as pessoas e para a sociedade em geral. É importante destacar que, a partir do momento que se selecionam sujeitos para um trabalho chamado “a influência da Lona cultural no acesso à cultura”, é possível presumir que aqueles que aceitam participar tem algum interesse pela área. Essa presunção se deu por verdade, dado que todos os entrevistados afirmaram que consideram que a cultura seja importante.

Alguns entrevistados abordaram a importância da cultura no setor da política e como forma de criar cidadãos com mais pensamento crítico.

Com certeza. Como eu já falei, né? Faz parte assim da formação do cidadão. Assim, eu penso muito nos meus estudos, a gente trabalha muito com pensamento crítico, né? Então quando a gente pensa em como trabalhar o pensamento crítico com o aluno, com uma pessoa, né? A gente pensa que a pessoa tem que ter acesso aos mais diversos meios, formas, de insumos culturais, políticos, etc, para ela conseguir ser um cidadão crítico na sociedade e conseguir agir em cima disso, né? Então por isso que eu acho que é extremamente importante. (Joana, visitante, Pechincha)

[...] cara, a cultura ela não é um passatempo, né? Ela não é passatempo. Ela é parte constituinte do ser, quando você tira isso é como se você tirasse, sei lá, liberdade, como se você tirasse a comida [...] eu acho que é isso, acho que a cultura torna as pessoas capazes de saber o que elas querem e do que elas precisam, né? E buscar,

---

<sup>15</sup> SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA-RJ. Edital de Chamamento Público Nº 01/2021. 2021. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smc/exibeconteudo?id=13058917> Acesso em: 14 jun. 2022

porque cultura também informação, é saber se informar, é saber ter senso crítico, né? Hoje a população tem muito pouco senso crítico [...] então quando você fortalece a cultura você fortalece toda uma forma de defesa das pessoas, né? De senso crítico, em todos os sentidos, e as pessoas começam a tomar decisões mais acertadas, mais ponderadas. (Daniel, artista, Copacabana)

Tal como Joana e Daniel, diversos outros entrevistados destacaram a importância da cultura para a formação do pensamento crítico. Essa perspectiva está alinhada aos apontamentos de Biesdorf e Wandscheer (2011), que frisam a importância do ensino das artes para a formação dos indivíduos e para o desenvolvimento do seu pensamento crítico e criatividade. Além disso, remete-se ao abordado por Júnior (2010) que a capacidade de articulação dos indivíduos na sociedade vai ser cada vez maior de acordo à medida que se aumenta sua capacidade de interpretar a cultura.

Muitos sujeitos também abordaram a perspectiva das políticas públicas, indicando como é importante que a cultura não seja deixada de lado, pois também é essencial.

Eu acho que não existe povo sem cultura. Eu acho que cultura é riqueza, cultura é diversidade, eu acho que é um aspecto indissociável da vida. Então acesso à cultura, na verdade, é um direito básico, como acesso à alimentação, como acesso a moradia, a segurança. (João, equipe, Tanque)

Sem dúvida, sem dúvida. [...] quando você tem projetos governamentais, a gente acaba focando muito em necessidades básicas... O que deveria ser o mínimo, mas não é, né? Porque: Brasil. Então, por conta da nossa situação assim de escassez, de pobreza, de falta de acesso às coisas, né? Eu acho muito difícil que você tenha um gosto pela cultura, que você tenha um interesse pela cultura, quando você não tem acesso ao básico, quando você não tem acesso à saúde, à educação, à segurança, à moradia. Então a escassez faz com que a cultura seja afastada, principalmente das pessoas que não tem nada, ou que tem muito pouco. [...] Então eu acho que a cultura é uma das partes tão essenciais para nossa vida quanto as necessidades básicas. A gente acaba tendo essa ideia distorcida porque a gente não tem acesso nem ao básico, então a cultura acaba parecendo um supérfluo, que na verdade não é, né? É o mínimo. É o que faz a gente ter vontade de fazer- tipo, viver, é o que faz a gente ter vontade de viver (Alice, visitante, Pechincha)

Interligada à resposta destes entrevistados, destaca-se a perspectiva de Borelli (2018), que explora a importância do investimento em políticas públicas culturais para o desenvolvimento do país e dos cidadãos. As políticas públicas culturais representam um aspecto tão importante para a sociedade que o texto de Botelho (2001) se dedica a elencar estratégias para a formulação e aplicação dessas políticas públicas. Similarmente, Miranda, Rocha e Egler (2014, p. 1), compreendem que:

Assim como a saúde, a educação, a assistência social, a cultura também deve contar com um plano nacional que oriente ações do governo federal, estados e municípios a criar mecanismos de formulação de políticas públicas de valorização da criação artística

Outras pessoas entendem importância da cultura de uma forma mais leve, sob a perspectiva de que as pessoas precisam de algum lugar que elas possam ir quando querem se divertir e relaxar:

Sim [a cultura é importante], porque é um ponto da pessoa muitas vezes relaxar, ficar mais tranquila. É um momento que a pessoa consegue- como eu mesmo havia dito, eu fui para festa para ver os meus amigos... é um momento para pessoa socializar, é um evento para pessoa relaxar e ver os amigos. (Carlos, artista/aluno de curso/visitante, Tanque)

Alguns entrevistados, além de elaborar sobre outras questões, mencionaram como a pandemia do Covid-19 destacou ainda mais o papel da cultura na sociedade.

Sim, pros indivíduos, para a sociedade em geral porque a gente não vive sem cultura. [...] todos os nossos momentos são políticos e política também é cultura. Então negar participação na cultura é negar participação também na política, então... E também, ainda mais na pandemia, quando as pessoas ficam perguntando da importância da cultura, pô, a gente só sobreviveu porque tinha cultura, então a gente não ficou maluco da cabeça. E quando a gente não tá trabalhando [...] a gente tá consumindo cultura. Porque a cultura é a expressão humana e a gente precisa receber essa expressão, porque senão a gente vai ficar doido da cabeça. (Marcos, artista/visitante, Pechincha)

É fundamental. Tudo que o indivíduo, tudo que o ser humano produz é cultural. E para além disso, a coisa artística, né? Arte é fundamental para nossa vida, alguns dizem que não sabem para quê, mas é fundamental. Sem arte a gente não vive, a pandemia veio para mostrar isso, né? A necessidade da música, a necessidade de variadas expressões artísticas, o teatro, a dança e tudo mais. É claro, é fundamental para a formação do indivíduo. (Leandro, equipe (voluntário), Maricá)

Marcos, quando afirma: “a gente precisa receber essa expressão, porque senão a gente vai ficar ‘doido da cabeça’”, demonstra uma perspectiva similar à de Martha: “É o que o que fomenta nossas cabeças além do trabalho, né? Além de boleto para pagar, é isso aí, entendeu?”; Milena: “A gente depende da cultura para se desenvolver, para ter alegria mesmo, sabe?”; e Alice: “[a cultura] é o que faz a gente ter vontade de viver”.

Esse foco em aspectos da saúde mental das pessoas pode ser relacionado aos tópicos explorados por Reis (2014); Coqueiro, Vieira e Freitas (2010); e Rocha e Maia (2015), que destacam o uso da arte como forma de canalizar as angústias, indicando que, através da prática artística, os indivíduos são capazes de aliviar seus medos, dores e angústias.

Por fim, destaca-se a fala de Leandro:

A nossa sociedade é muito capenga por conta dos investimentos capengas em artes, sobretudo... Investimentos capengas na fruição cultural, na fruição artística, da oferta de bens culturais e artísticos da nossa população ou da valorização de bens culturais e artísticos produzidos pela nossa população, sobretudo as populações periféricas que vivem nessa coisa da resistência, da militância cultural, vive restrita aos acessos, aos recursos e tudo mais. E isso impacta no desenvolvimento da nossa sociedade e nessa coisa que eu já falei algumas vezes, de ser uma sociedade mais justa, mais inclusiva, mais igualitária e tudo mais, é fundamental. Sem cultura e arte a gente nem respira.

Ao abordar a questão de resistência e militância cultural, Leandro aborda justamente um dos aspectos explorados durante o capítulo 2.1: a cultura como forma de resistência. Como observado ao longo do capítulo, a cultura teve um papel importantíssimo na resistência da classe artística principalmente durante a ditadura militar e, de acordo com Gomes (2020), esta importância perdura até os dias de hoje, especialmente em ambientes de violência rotineira. Assim, podemos constatar que as visões dos entrevistados em relação à importância da cultura demonstraram-se alinhadas umas às outras, estando também em conformidade com a literatura existente sobre o tema.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, gostaria de dizer que é muito emocionante ouvir aqueles que se importam com arte e cultura discorrendo sobre o assunto, isso, por si só, já demonstra muito a importância da cultura – e da Lona – na sociedade. Porém, apenas isso não é o suficiente para embasar um trabalho de conclusão de curso.

Portanto, com o objetivo de entender a influência da Lona Cultural Municipal Jacob do Bandolim sobre o acesso à cultura na região de Jacarepaguá no município do Rio de Janeiro, esta pesquisa procurou construir uma linha de raciocínio que explorasse: a gestão da Lona Cultural; as diferenças das experiências de frequentadores e artistas na Lona e outros locais; a diferença de oferta de eventos culturais em Jacarepaguá e no resto do Rio de Janeiro; a importância da cultura na sociedade e a importância da Lona Cultural. Todos esses passos foram executados com o objetivo principal da pesquisa em mente.

Por meio da análise de conteúdo, observou-se que a Lona é gerida por uma Organização Social Civil, e que, por agora, anda passando por problemas estruturais que a impedem de funcionar plenamente. Além disso, tanto os membros da equipe, frequentadores e artistas sentiram que, antes mesmo da pandemia, a Lona estava em uma situação de abandono. Através da análise das despesas do município do Rio de Janeiro com o projeto das Lonas Culturais, foi possível constatar que, desde 2012, vem ocorrendo uma queda nos investimentos nas Lonas, o que pode explicar a percepção de abandono do equipamento por parte dos sujeitos desta pesquisa.

Investigou-se também as diferenças de acesso da Lona para outros locais do Rio de Janeiro, concluindo que tanto os artistas, quanto visitantes da Lona tem como principal queixa a dificuldade de acesso a outros locais do Rio de Janeiro. Os achados desta pesquisa se encontram majoritariamente em acordo com a literatura existente sobre o acesso à cultura na Zona Oeste e na região de Jacarepaguá. Os entrevistados também foram questionados em relação às suas motivações para frequentar ou se apresentar na Lona, onde se identificou que o fator social do contato com amigos e família como das motivações principais.

De acordo com os frequentadores, artistas, alunos de curso e equipe da Lona Cultural, caso a Lona de Jacarepaguá não existisse, 3 aspectos principais impediriam o acesso das pessoas a outros espaços culturais: poder econômico, deslocamento, relevância da Lona e baixa oferta de cultura em Jacarepaguá. Com base nisto, analisou-se também as opiniões dos sujeitos em relação à distribuição de espaços culturais no Rio de Janeiro, sendo suas respostas razoavelmente mistas: grande parte dos entrevistados consideram que Jacarepaguá se trata de uma região carente de espaços culturais, mas alguns observam que, apesar disso, existem outros

locais do Rio de Janeiro em uma situação ainda maior de abandono no tocante de espaços culturais.

Em relação ao papel do Estado no acesso à cultura, destacou-se a importância deste como um descentralizador da oferta de cultura, seja de forma direta ou por meio de parcerias com agentes privados da economia. Além disso, salientou-se o papel do poder público na construção de uma educação de base que ofereça amplo acesso à cultura.

Foram examinadas as visões dos entrevistados sobre cultura, a importância da Lona Cultural e a influência dela naqueles que a frequentam. Para eles, a Lona Cultural consiste num espaço que permite a socialização e consumo de cultura facilitado, a preços acessíveis, que propicia também um ambiente de prestígio acessível para artistas menores – ou renomados – se apresentarem. A importância da cultura para os indivíduos e para a sociedade foi majoritariamente confirmada pelos sujeitos da pesquisa, que demonstraram visões plenamente alinhadas à literatura, no tocante ao valor da cultura para a formação crítica e saúde mental dos indivíduos, além da sua relevância como ferramenta de resistência.

Por fim, destaca-se que a influência da Lona Cultural Jacob do Bandolim no acesso à cultura em Jacarepaguá se dá, principalmente, por esta ser um espaço que democratiza o acesso à cultura, descentralizando tanto a produção quanto o consumo de arte para além do polo Zona Sul-Centro da cidade do Rio de Janeiro, tornando a cultura acessível para artistas e públicos periféricos e suburbanos.

Como diferencial desta pesquisa, destaca-se a comparação da visão de artistas, visitantes, alunos de curso e da equipe da Lona Cultural, analisando as respostas de sujeitos pertencentes a diversos bairros do Rio de Janeiro, de grupos de idades diversas, a fim de obter pontos de vista múltiplos sobre a influência da Lona Cultural no acesso à cultura em Jacarepaguá. Indica-se aqui a relevância de futuros estudos que tenham como objeto espaços culturais em regiões periféricas ou suburbanas.

Por meio da construção desse caminho lógico, é possível demonstrar que a Lona Cultural tem uma grande influência no espaço e população ao seu redor, e que tem um lugar muito especial no imaginário coletivo da população de Jacarepaguá. Aqueles que a frequentam guardam pelo local muita estima e, como pudemos ver nas entrevistas, pedem para que ela receba um tratamento mais digno e seja tratada com mais cuidado. Espera-se que esta pesquisa enseje maior valorização dos espaços culturais pelo poder público e pelo setor privado, além de chamar atenção para o investimento na produção e consumo de cultura na Zona Oeste, que, na percepção dos sujeitos entrevistados, se encontra numa situação precária nestes aspectos.

Com as mudanças recentes, talvez a Lona nunca volte a ser o que já foi. Apesar disso, todos sabemos que viver é evoluir e que a mudança é um passo crucial, e esse fato não seria diferente para um espaço cultural que, apesar de não estar vivo, abriga cada vez mais vida dentro de si a cada nova pessoa que tem o prazer de visitá-lo.

## REFERÊNCIAS

- AMIN, Júlia; ALTINO, Lucas. Coletivos culturais conquistam espaços para eventos em Jacarepaguá. **O Globo**. Rio de Janeiro, ano 2016, 28 nov. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/coletivos-culturais-conquistam-espacos-para-eventos-em-jacarepagua-20542918>. Acesso em: 12 set. 2021.
- AMORIM, Daniela. País tem taxa de informalidade de 39,6% no trimestre até fevereiro, diz IBGE. **Estadão**, ano 2021, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2021/04/30/pais-tem-taxa-de-informalidade-de-396-no-trimestre-ate-fevereiro-diz-ibge.htm>. Acesso em: 12 set. 2021.
- ANDREUCCI JÚNIOR, S. J. Acesso à cultura: a “hora e a vez” dos projetos sociais democratizadores da cidadania cultural. **Organicom**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 158-165, 2010. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2010.139076. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139076>. Acesso em: 23 jul. 2022.
- BALBI, Clara; MOLINERO, Bruno. Nova Rouanet deve encarecer e reduzir projetos culturais. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 24 fev. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/governo-publica-novas-regras-da-rouanet-com-limite-de-r-1-milhao-por-projeto.shtml> Acesso em: 12 set. 2021.
- BASTOS, Pedro Paulo. O ano em que a Barra quase saiu do mapa do Rio. **Veja Rio**, ano 2017, 25 fev. 2017. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/blog/as-ruas-do-rio/o-ano-em-que-a-barra-quase-saiu-do-mapa-do-rio/>. Acesso em: 12 set. 2021.
- BIAGGI, Enio Luiz de Carvalho. O VALOR DA CULTURA: A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE ARTE NAS ESFERAS POLÍTICA E ECONÔMICA. **Tecer**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 105-111, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/273899404\\_O\\_Valor\\_da\\_Cultura\\_A\\_Importancia\\_da\\_Obra\\_de\\_Arte\\_nas\\_Esferas\\_Politica\\_e\\_Economica](https://www.researchgate.net/publication/273899404_O_Valor_da_Cultura_A_Importancia_da_Obra_de_Arte_nas_Esferas_Politica_e_Economica). Acesso em: 12 set. 2021.
- BORELLI, Daiane dos Santos. **A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS: O CASO FIT – FESTIVAIS CULTURAIS**. São João Del-Rei, 2018, Trabalho de Conclusão de Curso (ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ.
- BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, p. 73-83, 2001.
- BRASIL. **Constituição**. República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF. Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em: 12 set. 2021.
- BRONSTEIN, Marcela. **Incentivo à cultura ou cultura do incentivo: mais de vinte anos de renúncia fiscal à cultura no município do Rio de Janeiro, 1992–2015**. 2017. Tese de Doutorado.
- CAMARGO, Josane Laura Machado de. **CONTRIBUIÇÕES DA ARTE PARA O DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico) - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/22313/1/2018\\_JosaneLauraMachadoDeCamargo\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/22313/1/2018_JosaneLauraMachadoDeCamargo_tcc.pdf). Acesso em: 12 set. 2021.

CAMPOS, Fernanda Nogueira, PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula e SAEKI, Toyoko. Teatro do oprimido: um teatro das emergências sociais e do conhecimento coletivo. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2014, v. 26, n. 3 [Acessado 1 Setembro 2021], pp. 552-561. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000300004>>. Epub 09 Out 2014. ISSN 1807-0310.

CANEDO, Daniele. “CULTURA É O QUÊ?”: REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE CULTURA E A ATUAÇÃO DOS PODERES PÚBLICOS. In: V ENECULT - **ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**, 5. 2009, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CAPOBIANCO, Marcela. Lonas culturais: sem luz e sem previsão de reabertura. **Veja Rio**. Rio de Janeiro, ano 2020, 17 set. 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/lonas-culturais-sem-luz/>. Acesso em: 12 set. 2021.

CAZELLI, Sibebe; FRANCO, Creso. OS DIFERENTES TIPOS DE CAPITAL MOBILIZADOS NO CONTEXTO ESCOLAR E O ACESSO DOS JOVENS A MUSEUS. In: **29ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED**. 2006, Caxambu. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt14-1789-int.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

CHICO Buarque. **Memórias da Ditadura**. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/artistas/chico-buarque/>. Acesso em: 12 set. 2021.

COAN, E. I. "Milagre dos peixes": a censura e a voz de Milton Nascimento na sociedade do espetáculo brasileira. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 126-144, 2020. DOI: 10.11606/issn.2176-1507.v22i2p126-144. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/171008>. Acesso em: 12 set. 2021.

CONTROLADORIA GERAL DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. **Manual De Parcerias Voluntárias**. 2019. Disponível em: [https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/9327330/4231124/ManualdeParceriasVoluntarias08\\_03\\_2019.pdf](https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/9327330/4231124/ManualdeParceriasVoluntarias08_03_2019.pdf) Acesso em: 13 mai. 2022

COQUEIRO, Neusa Freire, VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos e FREITAS, Marta Maria Costa. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paulista de Enfermagem** [online]. 2010, v. 23, n. 6 [Acessado 12 Setembro 2021], pp. 859-862. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-21002010000600022>>. Epub 13 Jan 2011. ISSN 1982-0194.

COVID: saúde mental piorou para 53% dos brasileiros sob pandemia, aponta pesquisa. **BBC News**, ano 2021, 14 abr. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56726583>. Acesso em: 12 set. 2021.

DANTAS, Daniele C. Indicadores e a análise da oferta cultural na Cidade do Rio de Janeiro. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, Rio de Janeiro, n. 11, 2016. 75-90. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cdf/article/view/35875/25573>. Acesso em: 12 set. 2021.

DE JESUS, Diego Santos Vieira; GOBO, Karla. Cultura em tempos de Crivella: executivo e bancada evangélica do Legislativo na área de cultura no Rio de Janeiro em 2017. **Políticas Culturais em Revista**, v. 11, n. 2, p. 247-273, 2018.

DESEMPREGO no Brasil fica 14,6% e atinge 14 milhões de pessoas, diz IBGE. **Exame**, ano 2021, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://exame.com/economia/desemprego-no-brasil-fica-146-e-atinge-14-milhoes-de-pessoas-diz-ibge/>. Acesso em: 12 set. 2021.

EASTERBY-SMITH, Mark; THORPE, Richard; JACKSON, Paul. **Management and Bussiness Research**. 5. ed. SAGE Publications. Londres, 2015.

FERRAN, Marcia de Noronha Santos. **PARTICIPAÇÃO, POLÍTICA CULTURAL E REVITALIZAÇÃO URBANA NOS SUBÚRBIOS CARIOCAS: O CASO DAS LONAS CULTURAIS**. Rio de Janeiro, 2000 Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://docplayer.com.br/14542739-Participacao-politica-cultural-e-revitalizacao-urbana-nos-suburbios-cariocas-o-caso-das-lonas-culturais.html>. Acesso em: 12 set. 2021.

FIGUEIREDO, César Alessandro. A Ditadura Militar no Brasil e o teatro: memória e resistência da classe artística. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 6, n. 2, 2015.

FONSECA, Liziane Nolasco; ARRIADA, Eduardo. HISTÓRIA DA ARTE NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR NO BRASIL (1964-1985). **Revista Seminário de História da Arte**, v. 1, n. 8, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/17907>. Acesso em: 12 set. 2021.

GOMES, Simone. A cultura como alternativa: Uma aproximação a partir de sociabilidades militantes na Zona Oeste do Rio de Janeiro. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 13, n. 1, p. 57-76, 2020.

HISTÓRIA da UNE. **União Nacional dos Estudantes**. Disponível em: <https://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/>. Acesso em: 12 set. 2021.

IPCA - **Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo**. IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/precos-e-custos/9256-indice-nacional-de-precos-ao-consumidor-amplo.html?=&t=destaques>. Acesso em: 27 jun. 2022.

KLOH BIESDORF, Rosane. ARTE, UMA NECESSIDADE HUMANA: FUNÇÃO SOCIAL E EDUCATIVA. **Itinerarius Reflectionis**, v. 7, n. 1, 2011.

LIMA, Camila; CARVALHO, Silva de. ESCALAS DA DESIGUALDADE URBANA: a Cidade do Rio de Janeiro e as Favelas. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, Rio de Janeiro, n. 11, 2016. 11-23. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cdf/article/view/35875/25573>. Acesso em: 12 set. 2021.

LISOWSKI, Telma Rocha. As políticas públicas de acesso e difusão da cultura no Brasil e o caso do Programa Nacional de Apoio à Cultura. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 5, nº 1, 2015 p. 156-169. Disponível em: <https://www.publicacoes.uniceub.br/RBPP/article/view/3098/2579> Acesso em: 12 set. 2021.

LISTA DE BAIROS E ÁREAS DE PLANEJAMENTO (AP'S). Disponível em: [http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/5148142/4145881/ListadeBairroseAPs\\_Mapa](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/5148142/4145881/ListadeBairroseAPs_Mapa). Acesso em: 12 set. 2021.

MAIA, Adriana Valério. **A música popular brasileira e a ditadura militar: vozes de coragem como manifestações de enfrentamento aos instrumentos de repressão**. 2015. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015.

MAIA, Nathália Cristina Medeiros. A Importância Cultural da Arte na visão de Susanne Langer. **Cadernos Cajuína**, v. 6, n. 4, p. 351-364, 2021.

MANZINI, R.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e roteiros. IN: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS**, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Bauru: USC, 2004. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf) Acesso em: 12 set. 2021

MARQUEZINE, Luiza Oliveira. **POLÍTICA PÚBLICA PARA A CULTURA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: O INCENTIVO, O MERCADO E OS EFEITOS DAS REGRAS. CAMPOS DOS GOYTACAZES**, 2018, Monografia (ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS. Disponível em: <https://uenf.br/graduacao/administracao-publica/wp-content/uploads/sites/4/2019/05/MONOGRAFIA-Versão-Final-Luíza-Oliveira-Marquezine.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2022.

MEDEIROS, José Luan da Costa. **Estado, cultura e mercado: políticas culturais no Brasil (1930-2010)**. 2015. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão da Organização Pública EAD) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Técnico, Médio e Educação a Distância, 2016. [Monografia] Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/13046> Acesso em: 12 set. 2021.

MIRANDA, Elis; ROCHA, Elisabeth Soares; EGLER, Tamara Tânia Coben. A trajetória das políticas públicas de cultura no Brasil. **Novos Cadernos NAEA**, [S.l.], v. 17, n. 1, out. 2014. ISSN 2179-7536. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/1775/2243>. Acesso em: 12 set. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v17i1.1775>.

MOLINERO, Bruno. Cultura, sob Bolsonaro, vive volta da censura, perda de ministério e viés evangélico. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ano 2019, 29 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/12/cultura-sob-bolsonaro-vive-volta-da-censura-perda-de-ministerio-e-vies-evangelico.shtml>. Acesso em: 12 set. 2021.

MORETTONI, Marina; CARNEIRO, Juliana. **Democracia Cultural na Barra da Tijuca: Projeto Circo Alvorada**. Trabalhos de Iniciação Científica do Curso de Turismo, Niterói, v. 1, n. 1, 2016.

MUSA, Clara Augusto; PASSADOR, Cláudia Souza; PASCHOALOTTO, Marco Antonio Catussi. POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS NO BRASIL: um estudo de caso do consórcio intermunicipal Culturando. In: **IV ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**. 2017, João Pessoa. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ebap/contents/documentos/0357-372-politicas-publicas-culturais-no-brasil.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

OLIVEIRA, Maria Amália Silva Alves de. ZONA OESTE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: ENTRE O RURAL E O URBANO. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 45, p. 325-349, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/79137>. Acesso em: 12 set. 2021.

PEDROSA, Gabriel Frazao Silva; DIETZ, Karin Gerlach. A prática de ensino de arte e educação física no contexto da pandemia da COVID-19. **Boletim de conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 6, p. 103-112, 2020.

PERES, Fabio de Faria; MELO, Victor Andrade de. Espaço, lazer e política: desigualdades na distribuição de equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro. **Lecturas: Educación física y deportes**, ISSN-e 1514-3465, Nº. 93, 2006. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1432954>. Acesso em: 12 set. 2021.

PERTILE, Kriciê. **EM PRATOS LIMPOS: AS COMIDAS DE RUA NO BRIQUE DA REDENÇÃO, EM PORTO ALEGRE/RS – BRASIL, E POSSIBILIDADES PARA O TURISMO**. Caxias do Sul, 2014 Dissertação (Turismo) - Universidade de Caxias do Sul.

PORDEUS SILVA, Eduardo. Cultura e desenvolvimento humano: O papel do Estado e da sociedade civil na consolidação da cidadania cultural. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, Jan/Mar 2010. Disponível em: [https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/47/185/ril\\_v47\\_n185\\_p105.pdf](https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/47/185/ril_v47_n185_p105.pdf). Acesso em: 19 jul. 2021.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Prestação de Contas de Governo – exercício 2014**. 2014. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/cgm/exibeconteudo?id=4200347> Acesso em: 16 jun. 2022

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Prestação de Contas de Governo – exercício 2015**. 2015. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/cgm/exibeconteudo?id=4200347> Acesso em: 16 jun. 2022

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Prestação de Contas de Governo – exercício 2016**. 2016. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/cgm/exibeconteudo?id=4200347> Acesso em: 16 jun. 2022

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Prestação de Contas de Governo – exercício 2017**. 2017. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/cgm/exibeconteudo?id=4200347> Acesso em: 16 jun. 2022

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Prestação de Contas de Governo – exercício 2018**. 2018. Disponível em:  
<http://www.rio.rj.gov.br/web/cgm/exibeconteudo?id=4200347> Acesso em: 16 jun. 2022

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Prestação de Contas de Governo – exercício 2019**. 2019. Disponível em:  
<http://www.rio.rj.gov.br/web/cgm/exibeconteudo?id=4200347> Acesso em: 16 jun. 2022

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Prestação de Contas de Governo – exercício 2020**. 2020. Disponível em:  
<http://www.rio.rj.gov.br/web/cgm/exibeconteudo?id=4200347> Acesso em: 16 jun. 2022

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Prestação de Contas de Governo – exercício 2021**. 2021. Disponível em:  
<http://www.rio.rj.gov.br/web/cgm/exibeconteudo?id=4200347> Acesso em: 16 jun. 2022

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2014, v. 34, n. 1 [Acessado 12 Setembro 2021], pp. 142-157. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>>. Epub 09 Set 2014. ISSN 1982-3703.

RHODEN, Valmor; TERRA, Elisa Lübeck; MACIEL, Erick de Melo. Política cultural e democratização do acesso à cultura: a experiência do Vale-Cultura. **Revista de Humanidades**, v. 30, n. 2, p. 347-361, 2015. ISSN-e 2318-0714. Disponível em:  
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6168726>. Acesso em: 12 set. 2021.

RIBEIRO, Caroline. **Lonas Culturais Municipais: Arte da periferia na vanguarda da cultura**. Disponível em:  
[http://www0.rio.rj.gov.br/pcrj/destaques/especial/lonas\\_culturais\\_2.htm](http://www0.rio.rj.gov.br/pcrj/destaques/especial/lonas_culturais_2.htm). Acesso em: 12 set. 2021.

ROCHA, Maria de Fátima Carneiro da; CAMPOS MAIA, Leniée. CUIDANDO COM ARTE: A importância do fazer artístico no ambiente hospitalar. In: **XV ENEXT/ I ENEXC - ENCONTRO DE EXTENSÃO E CULTURA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PERSPECTIVAS**. 2015, Pernambuco, 2015. Disponível em:  
<https://www.ufpe.br/documents/38978/1184596/36.pdf/>. Acesso em: 12 set. 2021.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO. Disponível em:  
<https://www.rio.rj.gov.br/web/smc/>. Acesso em: 12 set. 2021.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. **Edital de Chamamento Público Nº 01/2021**. 2021. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smc/exibeconteudo?id=13058917> Acesso em: 14 jun. 2022

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. **Inscrições para edital de Fomento à Cultura Carioca começam nesta segunda-feira**. 2021. Disponível em:  
<https://www.rio.rj.gov.br/web/smc/exibeconteudo?id=13272688>. Acesso em: 26 jun. 2022.

SILVA, Flavio Jose Rocha da. Uma história do Teatro do Oprimido. **Aurora**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 23-38, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/17313>. Acesso em: 12 set. 2021.

SILVA, Rafaela Carvalho Nascimento. **Organizações Sociais (OS): uma análise sobre as Lonas Culturais no município do Rio de Janeiro**. 2019. 115 f. Dissertação (Mestrado em Administração - Organizações, Estado e Sociedade) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas/Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu/Instituto Três Rios, Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2019.

SOARES, Leonardo. **O que é a Baixada de Jacarepaguá?**. Disponível em: [https://www.academia.edu/36702227/O\\_que\\_é\\_a\\_Baixada\\_de\\_Jacarepaguá](https://www.academia.edu/36702227/O_que_é_a_Baixada_de_Jacarepaguá). Acesso em: 12 set. 2021.

SOUZA RIBEIRO, Mariza. **A IMPORTÂNCIA E VALORIZAÇÃO DA ARTE-EDUCAÇÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL**. Brasília, 2013 Monografia (Artes visuais) - Universidade de Brasília. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7097/1/2013\\_MarizaSousaRibeiro.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7097/1/2013_MarizaSousaRibeiro.pdf). Acesso em: 11 set. 2021.

SUZANO, Débora da Silva. Um quadro de desigualdade: Levantamento e análise do acesso a arte na cidade do Rio de Janeiro. In: **44º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. 2020. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/44-encontro-anual-da-anpocs/spg-7/spg05-6>. Acesso em: 12 set. 2021.

TINOCO, Pedro. O desafio de reerguer a cultura carioca no período pós-Crivella. **Veja Rio**. Rio de Janeiro, ano 2021, 19 mar. 2021. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/heranca-cultura-carioca-desafio-faustini/>. Acesso em: 12 set. 2021.

VERGARA, S. C. Métodos de pesquisa em administração. **São Paulo: Atlas**, 2005.

VERGARA, S. C. Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração. 2. ed. **São Paulo: Atlas**, 1998.

YAZAN, Bedrettin et al. Três abordagens do método de estudo de caso em educação: Yin, Merriam e Stake. **Revista Meta: Avaliação**, v. 8, n. 22, p. 149-182, 2016.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. 2 ed. **Porto Alegre: Bookman**, 2001.

## APÊNDICE A - Roteiro Equipe

1. Quais suas funções na Lona?
2. Como você se juntou à equipe?
3. Você é pago para exercer esse cargo?
  - a. (Se não) O que te fez aceitar trabalhar sem remuneração?
4. Já trabalhou com isso em outros locais antes?
  - a. (Se sim) Existem diferenças em relação à sua experiência nesses locais e na Lona?
  - b. (Se não) O que enxerga como empecilhos para nunca ter trabalhado com isso antes?
5. Existem desafios no trabalho que você realiza?
6. Realizar esse trabalho tem algum impacto sobre você?
7. Como foi o processo para iniciar a cogestão da Lona?
8. Como foi pegar a Lona a partir da gestão anterior?
  - a. Existiram desafios?
9. Se sente confortável em falar um pouco sobre como funcionam as finanças da Lona?
10. Como planejam eventos? Como selecionam as atrações?
  - a. Existe um cronograma específico a ser seguido?
11. Como funciona a arrecadação de ingressos?
  - a. O valor da bilheteria é dividido com o artista?
12. Como tem sido a estratégia de divulgação da Lona?

**APÊNDICE B - Roteiro Alunos**

1. De qual curso/oficina você participou?
2. Qual foi o valor para participar do curso/oficina?
  - a. Você julga esse valor como acessível?
3. Você já participou de algum curso em outro lugar sem ser na Lona Cultural?
  - a. (Se sim) Como foi o acesso (horário, transporte, dinheiro) a este curso?
  - b. (Se não) Quais aspectos você enxerga como empecilhos para que participar de cursos em outros locais?
4. O curso/oficina que você participou te impactou de alguma maneira?
5. Você notou alguma mudança na Lona ao longo dos anos?
6. Na sua percepção, vem ocorrendo um abandono da Lona?

**APÊNDICE C - Roteiro Artistas**

1. Quantas vezes você já performou na Lona?
2. Quando foi sua performance?
3. Você recebeu algum cachê para se apresentar na Lona?
  - a. (Se não) O que fez você aceitar performar de graça?
4. Você já se apresentou em outros locais sem ser a Lona de Jacarepaguá?
  - a. (Se sim) Como foi o seu acesso a esses locais? Falando em acesso numa questão de custo, de horário, de transporte, comparado com a lona?
    - i. Você reparou alguma diferença entre a sua experiência na Lona e nesses outros locais?
    - ii. O que te motivou a performar em outros locais?
  - b. (Se não) Quais aspectos você enxerga como empecilhos para que se apresentes em outros locais?
5. Você ter realizado essa performance na Lona teve alguma influência ou impacto sobre você?
6. Você notou alguma mudança na Lona ao longo dos anos?
7. Na sua percepção, vem ocorrendo um abandono da Lona?

**APÊNDICE D - Roteiro Visitantes**

1. A quantos eventos na Lona você foi?
2. Quando foram esses eventos?
3. Qual o valor dos ingressos no(s) evento(s) que você foi?
  - a. (Se pago) Considera esse valor acessível?
4. Você já foi a eventos como esse em outros locais sem ser a Lona?
  - a. (Se sim) Como foi o seu acesso a esses locais? Falando em acesso numa questão de custo, de horário, de transporte, comparado com a lona?
    - i. Você reparou alguma diferença entre a sua experiência na Lona e nesses outros locais?
    - ii. O que te motivou a ir em eventos em outros locais?
  - b. (Se não) Quais aspectos você enxerga como empecilhos para que frequente eventos em outros locais?
5. Ter frequentado esses eventos na Lona teve alguma influência ou impacto sobre você?
6. Você notou alguma mudança na Lona ao longo dos anos?
7. Na sua percepção, vem ocorrendo um abandono da Lona?

**APÊNDICE E – Roteiro Geral**

1. Você acredita que a Lona tenha algum impacto sobre as pessoas que a frequentam?
2. Você acredita que a Lona tenha algum impacto sobre os artistas que se apresentam lá?
3. Você acha que as pessoas teriam acesso a eventos similares aos oferecidos na Lona se ela não existisse?
4. Você julga importante a existência da Lona Cultural?
5. Você sente alguma diferença na oferta de eventos culturais realizados em Jacarepaguá, comparado a outros locais do Rio?
6. Você acredita que seja responsabilidade do poder público compensar possíveis desequilíbrios na oferta de cultura?
7. Você considera a cultura importante para os indivíduos e para a sociedade?